



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Maria de Fátima Leite Ribeiro

**Reflexões sobre o jornalismo cultural:
mudanças no modo de informar**

Junho de 2008



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Maria de Fátima Leite Ribeiro

**Reflexões sobre o jornalismo cultural:
mudanças no modo de informar**

Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor Joaquim Manuel Martins Fidalgo

Junho de 2008

É AUTORIZADA APENAS A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE,
APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO
ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE

Maria de Fátima Leite Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai...

À minha mãe, por tudo;

Aos meus irmãos e restante família, pelo apoio;

Aos meus amigos, pelo optimismo e compreensão;

A todos os docentes de Ciências da Comunicação, pelas aprendizagens;

Ao professor doutor Joaquim Fidalgo, pela paciência e orientação;

Aos jornalistas da secção de Cultura, do Jornal de Notícias, pela simpatia e pelas correcções.

Reflexões sobre o jornalismo cultural: mudanças no modo de informar

Resumo

O presente relatório/dissertação intitulado “ Reflexões sobre o jornalismo cultural: mudanças no modo de informar “ tem por base o estágio curricular de três meses, na secção de Cultura, do Jornal de Notícias. Da primeira parte consta a experiência e observação no modo de se fazer jornalismo cultural, vivenciadas enquanto estagiária, e as quais me proporcionaram um conjunto de conhecimentos para a reflexão posterior.

Na segunda parte, pretendo ilustrar o modo de informar no jornalismo cultural. Nesse sentido, a análise busca esclarecer conceitos, compreender o peso da agenda cultural, identificar a crítica e reflexão e a cobertura noticiosa dos eventos, as modificações ocorridas com o capitalismo, e conseqüente desenvolvimento da indústria cultural, e, ainda, perceber a divulgação mediática dos acontecimentos culturais.

Reflections on the cultural journalism: changes in the way to inform

Abstract

The present report / dissertation entitled “Reflections on the cultural journalism: changes in the way to inform” was based on the traineeship of three months, in the Culture’s section, of Jornal de Notícias. On the first part, the experience and observation describes the way of making cultural journalism, apprehended while probationer, and which provided me a set of knowledges for the subsequent reflection.

In a second part, I intend to illustrate the way to inform in the cultural journalism. In this sense, the analysis looks to explain concepts, to understand the weight of the cultural diary, to identify the criticism and reflection and the news covering of the events, the modifications occurred with the capitalism, and consequent development of the cultural industry, and, still, to realize the spread of the media of the cultural events.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – ESTÁGIO NO JORNAL DE NOTÍCIAS	9
1.O JORNAL DE NOTÍCIAS	9
2. A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO	11
2.1. O primeiro impacto	11
2.2. Os trabalhos “de secretária”	12
2.2.1. <i>Notícias baseadas em “press releases”</i>	12
2.2.2. <i>“Etcetera”</i>	15
2.2.3. <i>Edição de “takes”</i>	16
2.2.4. <i>Entrevistas por telefone</i>	16
2.3. Os trabalhos de exterior.....	17
2.3.1. <i>Conferência de Imprensa</i>	17
2.3.2. <i>As idas ao museu e a entrevista a Paulo de Carvalho</i>	18
2.3.3. <i>Os trabalhos sem sucesso</i>	19
2.3.4. <i>A participação no “IN”</i>	19
2.4. Novos caminhos	20
2.OS MOTIVOS DE REFLEXÃO	22
2.1. O lugar e especificidade do jornalismo cultural.....	22
2.2. O contacto com as fontes	24
CAPÍTULO II – O JORNALISMO CULTURAL	27
1.O JORNALISMO CULTURAL	27
1.1. A cultura e as eras culturais.....	27
1.2. Breve referência histórica.....	30
1.3. O que é o jornalismo cultural?	33
1.4. Um jornalismo de géneros.....	34
1.5. O império da agenda	36
1.6 . Uma mercadoria com valor de troca	37
1.7. Há lugar para a crítica?.....	39
1.8. Divulgação ou Publicidade?.....	43

1.9. A informação cultural no Jornal de Notícias.....	46
1.9.1. O “IN”	47
CONCLUSÕES	49
BIBLIOGRAFIA.....	52
ANEXOS	55

INTRODUÇÃO

Há excelentes profissionais em jornalismo que não tiveram formação académica. Da mesma maneira que há jornalistas licenciados que ficam aquém das expectativas. Contudo, é inegável a importância do conjunto de saberes proporcionados pelo curso superior, não só pela valorização pessoal e profissional, mas também na qualificação e credibilidade do jornalista.

Disciplinas como Sociologia da Comunicação, História e Semiótica das Artes Visuais, Teorias da Comunicação, Semiótica e Métodos de Investigação dão azo a outras formas de pensar e escrever o mundo, sem nos restringirmos às regras técnicas. São indispensáveis as aulas teórico-práticas de jornalismo, a par das normas deontológicas leccionadas em Deontologia da Comunicação - elas são a raiz, mas quando complementadas com os outros saberes, em cima citados, permitem ir além da técnica.

Enquanto estudantes, e embora alertados por colegas licenciados, nem sempre temos noção da importância de algumas dessas disciplinas, mas quando entramos na rotina da prática jornalística, esse tipo de saberes é accionado instintivamente. Dou como exemplo a disciplina de História e Semiótica das Artes Visuais. Era mais uma cadeira entre outras. Quando comecei o estágio na secção de Cultura, mudei de opinião: não era mais uma disciplina, mas uma mais-valia. Quero com isto explicar a importância da formação académica no futuro profissional do jornalista.

Outra oportunidade dada pelo curso é a realização do estágio curricular. O estágio permite a aplicação da teoria à prática e dá azo as outras reflexões no campo jornalístico. É, por outro lado, uma nova fase que implica a adaptação.

Durante a formação académica estudamos o jornalismo como área geral, não as especificidades das diferentes áreas. A realização do estágio na secção de Cultura do Jornal de Notícias (JN) suscitou a análise das problemáticas do jornalismo cultural, desde as transformações ocorridas ao longo dos anos à forma de informar e reflectir na actualidade.

A especialização em Jornalismo é uma realidade do tempo moderno. Desde cadernos segmentados em Economia, Política, Desporto, Saúde até à Cultura, são várias

as áreas que se autonomizaram na informação e poucos os jornais que não as dividiram por editorias. No caso da Cultura, o crescimento da indústria cultural assim o exigiu.

A Cultura distingue-se das outras áreas pela dimensão opinativa que exerce, sendo a crítica um dos géneros que mais se espera encontrar nos cadernos culturais. Inicialmente muito ligada à literatura, a apreciação de obras de arte era um “luxo” dos intelectuais da época. No século XX, a crítica não é exclusiva dos críticos: os jornalistas, fruto da crescente profissionalização, também exercem essa função.

Apesar do crescimento cultural e consequente especialização na área, qualquer tipo de reflexão sobre jornalismo cultural tem logo à partida um entrave: a falta de estudos. A complexidade do tema em questão é um dos obstáculos que se apresenta no seu estudo.

A reflexão sobre a realidade do jornalismo cultural presente neste relatório/dissertação não é mero acaso. Tem como base a experiência concreta de um estágio profissional, de três meses, realizado na secção de Cultura do Jornal de Notícias. A “observação participante”, embora informal, vivenciada nesse período de tempo, na referida redacção, é o ponto de partida da análise. À experiência profissionalizante soma-se a análise documental e bibliográfica, de forma a enquadrá-la e sustentá-la teoricamente.

Numa primeira parte é apresentada a descrição e reflexão de estágio; na segunda, a da problematização, são abordadas as reflexões teóricas das problemáticas assumidas.

CAPÍTULO I – ESTÁGIO NO JORNAL DE NOTÍCIAS

1. O Jornal de Notícias

O Jornal de Notícias (JN) integra, desde 2005, a Controlinveste, um dos maiores grupos de media em Portugal, com presença nos sectores da imprensa, rádio e televisão- detém entre outros, o Jornal de Notícias, o Diário de Notícias, o Jogo, o 24 Horas, a TSF, o gratuito Global Notícias, além de uma participação relevante na Sport TV -, para além de gerir um diverso conjunto de participações em empresas com actividade na área da publicidade, comunicação multimédia, produção de conteúdos e design.

Com 120 anos de existência, o JN – jornal popular - tem como lema “Dar voz aos que não têm voz”. O primeiro número do jornal foi para as bancas a 2 de Junho de 1888. Com apenas quatro páginas, duas das quais de publicidade, o JN trilhou um grande caminho e é hoje um dos generalistas de maior difusão do país (S/A, 2008a).

Sedeado na cidade do Porto, é uma referência nos temas locais e um importante difusor de publicidade, nomeadamente nos classificados. A consolidação do JN, em termos de público, deve-se à escolha e valorização de notícias relacionadas com a cidade e a região, sem, contudo, negligenciar a informação de âmbito nacional. Com filiais espalhadas por todo o país, nomeadamente, em Lisboa, Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães, Leiria, Santa Maria da Feira, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu, o JN prima pela proximidade com o leitor.

O Jornal de Notícias manteve-se durante um século ligado a várias gerações da família Pacheco Miranda. Foi, inclusive, Manuel Pacheco Miranda (director e proprietário entre 1942 e 1978) um dos grandes renovadores e impulsionadores do JN. Optou pelo jornalismo pragmático em detrimento do ideológico e foi com ele que o JN passou a ser o de maior audiência do país. Mais tarde, na sequência do 25 de Abril de 1974, o jornal foi nacionalizado. Em 1990 foi reprivatizado e adquirido pelo Grupo Lusomundo; de 2002 a 2004, a Portugal Telecom assume o seu controlo e em 2005 passa para a ControlInveste, grupo que actualmente o detém (S/A, 2008b).

O jornal começou com sete mil e quinhentos exemplares, e já conquistou um milhão de leitores diários, disputando constantemente a liderança de vendas (S/A, 2008a). Para manter a proximidade com o leitor, o JN chegou a ter quatro edições múltiplas (actualmente são três): Nacional (sedeada no Porto), Minho, Centro e Sul, com 4 páginas diferenciadas todos os dias. Em 2007 houve um ajuste nas edições e

estas passaram para três: a do Minho, a do Grande Porto e a do Sul. As diferenças passam apenas pelas notícias locais e algumas desportivas; nas outras secções, o noticiário é igual.

Ao longo destes 120 anos, publicidade e inovação andaram sempre lado a lado. Além de crucial na sobrevivência do jornal, a publicidade ditou a evolução e modernização do JN. Os avanços técnicos permitiram as mudanças gráficas. O “rosto” do JN foi, constantemente, renovado. O tamanho foi reduzido e ganhou cor; a máquina de escrever foi substituída pelo computador – passagem do analógico para o digital.

O jornal “do Norte”, com finalidade de incrementar e promover a arte, nomeadamente, as artes plásticas, inaugurou em 1974 a Galeria JN. Catorze anos depois, a Galeria é encerrada. Janeiro de 2007 ficou assinalado pela sua reabertura. Nomes como Júlio Resende, José Rodrigues, Nadir Afonso e António Joaquim passaram pela Galeria JN.

Segundo os dados do último Bareme, da Marktest, relativos ao primeiro trimestre do ano de 2008, os leitores do JN são maioritariamente jovens e com poder aquisitivo. A maior audiência média está na faixa etária entre 25 e 34 anos, seguindo-se a dos 18 aos 24. Na distribuição por classe social, ganha a média-alta, seguida pela alta. Mais de 50% das audiências são da zona do Grande Porto e Litoral Norte. É na Grande Lisboa e no Litoral Centro e Sul que o jornal tem menor audiência (S/A, 2008c).

De acordo com a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragens, o Grande Porto absorve a maior parte das tiragens, seguido por Braga e Alto Minho.

No comemorar dos 120 anos de existência, o JN presenteou os leitores, desde o dia 2 de Junho, com mudanças gráficas, como sinal de modernização. Novo visual, novo alinhamento editorial e mais conteúdos. É a continuação da lógica das alterações que têm vindo a ser aplicadas desde 1998, quando o jornal abandonou o formato grande e passou a tablóide longo.

Não só a edição impressa sofreu mudanças; também o “site” foi redesenhado. Com a crise anunciada dos jornais impressos, o JN apostou no desenvolvimento de temas na edição digital e na maior interactividade com os leitores. Novos conteúdos multimédia, como infografias e vídeos, fazem parte da renovação do “site”.

O JN é dividido por secções, nomeadamente, Economia, Política, Polícia e Tribunais, Sociedade, Internacional, On-line e Cultura, secção onde estagiei. Os suplementos são três: às sextas, a “Notícias TV”; “Notícias de Sábado” (NS) – inclui o IN - ao sábado, e “Magazine” aos domingos.

2. A experiência de estágio

2.1 - O primeiro impacto

Comecei o estágio na secção de Cultura, do Jornal de Notícias (redacção do Porto), no dia 23 de Fevereiro de 2007. Foi o começo de uma nova etapa, no meu percurso académico, enquanto estudante de Comunicação Social. Foi a oportunidade de pôr em prática um conjunto de conhecimentos teóricos. Não conhecia a redacção do jornal, que me acolheu durante três meses, e, até então, só tinha estado numa outra, na do Diário do Minho, numa visita de estudo.

O curso académico tem uma componente prática, essencial na área jornalística. É uma mais-valia e uma preparação para a entrada no mundo de trabalho. Mas não é possível comparar os trabalhos efectuados numa sala de aula com o trabalho de redacção – nesta, a responsabilidade é outra. Daí resultam as expectativas e os receios.

Na redacção do Jornal de Notícias tudo era novidade. Desde o número de jornalistas ao espaço da redacção, à disposição das várias editorias, à concentração dos profissionais, passando até pelo ruído de fundo permanente da impressora. Enquanto leitora, conhecia o Jornal de Notícias como jornal diário impresso, não como empresa. E não conhecia, naturalmente, o seu modo de funcionamento. É impossível não estranhar.

O ambiente da redacção foi uma surpresa. Embora notória a agitação em toda a sala, marcada pelo ritmo que a profissão jornalística exige, como as idas às impressoras, à secção da agenda ou à da fotografia, a concentração também existia. Na ideia empírica que eu tinha de uma redacção, os jornalistas não eram tão compenetrados no seu trabalho, como se não houvesse meio envolvente. Os ruídos de fundo limitavam-se aos passos, ao teclar e à impressora. Nem as televisões, uma por secção, tinham som.

Pode aplicar-se ao que eu senti, nestes primeiros contactos, o slogan publicitário da Coca-Cola, da autoria de Fernando Pessoa: “Primeiro estranha-se, depois entranha-se”. No final da primeira semana, a rotina apagou a novidade.

Antes de mais, julgo necessária a apresentação da secção onde fiz o estágio. A editoria de Cultura é composta por seis jornalistas, incluindo o editor, e orientador de estágio, Emanuel Carneiro, e o coordenador, Rui Branco. A redacção, em Lisboa, tem também dois jornalistas de Cultura, que dependem da editoria do Porto. Em suma, são oito, no total, os profissionais de Cultura do JN, a nível nacional. Nas outras delegações

do jornal, não há editoria de Cultura, embora, quando necessário, os jornalistas das nove restantes filiais contribuam para a secção de Cultura do Porto. A título de exemplo, se há um concerto de destaque em Vila Real, um dos jornalistas da filial do JN sediado nessa cidade fica encarregue da cobertura. Faz parte da gestão de recursos, embora sejam acontecimentos esporádicos.

Quando se lê o jornal, surgem diversas questões, como por exemplo, como é feito. O JN trabalha com o programa informático Millenium, o qual apresenta diversas funcionalidades que permitem uma organização eficiente e de fácil utilização para o jornalista. O que parece complexo é realizado de forma simples e cómoda, daí a facilidade de aprendizagem do programa. O espaço para a notícia está desenhado previamente, o que significa que o jornalista só tem de se preocupar em escrever a notícia.

Todas as secções têm à disposição os jornais do dia (um exemplar por secção), além das edições do próprio jornal: Grande Porto, Minho e o gratuito Global. A concorrência, fruto da era moderna, está presente em todos os sectores de actividade e o ramo da informação não foge à regra. É tarefa necessária, antes de mais, ver os jornais concorrentes. Ver no que fomos melhores, no que falhámos e o que temos de superar. A luta pela liderança de audiências e vendas assim o obriga. É sempre a primeira tarefa do dia.

2.2. Os trabalhos “de secretária”

Uma grande parte do trabalho jornalístico é realizada na própria redacção - são os chamados trabalhos “de secretária”. Neste tipo de trabalhos incluem-se as notícias baseadas em “press releases”, em “takes” de agências, em pesquisa na Internet e em entrevistas por telefone.

Embora seja um trabalho mais monótono, em que não há contacto directo/pessoal com a fonte, é um trabalho necessário e que nos ocupa a maior parte do tempo. E, como tal, nos três meses de estágio ocupei-me, sobretudo, com este género de trabalhos.

2.2.1. Notícias baseadas em “press releases”

Foram mais de uma dezena as notícias baseadas em “press releases” de assessorias de imprensa, a começar logo no primeiro dia de estágio (ver anexo 1). O

editor, Emanuel Carneiro, entregou-me um convite em forma de desdobrável, do Centro Português de Fotografia (CPF) a informar sobre a inauguração de três exposições. A assessoria apenas enviou o convite a divulgar as exposições/expositores e o dia de abertura e encerramento. Neste tipo de trabalhos, são indiscutíveis o poder e a facilidade da Internet e, mais especificamente, dos motores de busca. A partir de um simples folheto, com escassas informações, encontra-se uma grande quantidade de informação, quer sobre as exposições quer sobre os fotógrafos, mais do que suficiente para uma média notícia. Este trabalho de pesquisa é uma realidade diária em jornalismo. As notícias que têm como suporte base os “press releases” são, por norma, complementadas com pesquisa adicional, feita em sítios na Internet.

Sobre o CPF escrevi uma outra notícia, também sobre uma exposição, desta vez intitulada “34 olhares contra o esquecimento” e divulguei a abertura da Galeria Acto, no Porto.

A Cultura engloba um grande conjunto de áreas como teatro, cinema, música e artes plásticas. As diferentes vertentes culturais tem, também, diferentes destaques no Jornal de Notícias, devido à oferta e ao interesse do leitor. A música e o cinema, muito marcados pelas estreias, têm maior notoriedade nas páginas culturais deste jornal.

Foi no campo musical a minha maior participação. Os concertos são apetecíveis para o leitor, daí o relevo da divulgação e, quando se justifica pelo impacto do concerto, a própria cobertura ao vivo.

Das estreias de bandas estrangeiras em Portugal, noticiei duas. A primeira referia-se ao concerto de apresentação do álbum “The Bird of Music, do trio norte-americano de teclados “Au Revoir Simone”, no Theatro Circo, em Braga, e, posteriormente, no Santiago Alquimista, em Lisboa”. Três canções do grupo fazem parte da banda-sonora da série “Anatomia de Grey”, daí o facto de serem muito conhecidas no nosso país.

A segunda estreia foi da banda The Charlatans, na Aula Magna, em Lisboa. Os britânicos vieram a Portugal promover o seu mais recente trabalho, “You Cross my Path”. A primeira parte do concerto esteve a cargo dos portugueses Klepht. Ambas as notícias foram baseadas em “press releases” de assessorias e complementadas com foto do grupo. É a imagem que atribui maior ou menor destaque à notícia, pois ela é atractiva ao olhar. Retemos mais facilmente o que vimos do que o que lemos ou ouvimos. Em duas notícias com o mesmo número de caracteres, assume destaque a da foto. Isto é visível não só em cultura, mas em todas as áreas jornalísticas. Ressalvo, nestes dois

concertos, a divulgação prévia, já que nenhum dos concertos teve cobertura jornalística no local.

Ainda na esfera musical, noticiei o último concerto dos D`ZRT. A banda, formada na série “Morangos com Açúcar”, da TVI, encheu páginas de vários jornais. Inclusive, o Jornal de Notícias, um dia antes do último concerto, atribuiu à banda o primeiro plano. O que não impediu um novo texto, no dia da despedida, elaborado por mim, desta vez mais voltado para o concerto e para os convidados do que para o fim da banda.

Prosseguindo na música portuguesa, anunciei o concerto de Vitorino, no Teatro da Trindade, de apresentação do novo álbum “Ao vivo a preto e branco”; o sexto Festival de Música, realizado no Palácio da Bolsa, no Porto; e a interpretação de clássicos nas vozes de Vítor de Sousa e Inês Santos, na Quinta das Lágrimas, em Coimbra, para assinalar a chegada do Inverno.

Para finalizar as notícias feitas sobre música, sem contacto directo com as fontes, destaco o musical do Noddy, personagem de grande sucesso entre os mais novos, intitulado “Noddy-Live- O tesouro escondido”, em digressão pelo país.

Não me alonguei com pormenores, em relação às notícias da área musical, porque no cômputo geral são muito idênticas. Mudam os intervenientes e os locais de espectáculo, mas o conteúdo e o formato de notícia não diferem significativamente. Todas as notícias foram de divulgação, excepto a do concerto dos D`ZRT, com cobertura posterior.

Depois da música, é a vez do teatro. E, mais uma vez, dominou a divulgação prévia de espectáculos. Uma das notícias foi sobre o espectáculo multidisciplinar “Eunice”, peça que retrata duas idades, a infância e a velhice. A outra anunciou a segunda edição, e respectivo programa, do Festival de Teatro “CALE-se”.

De cinema fiz somente uma notícia sobre o Ciclo de Cinema Israelita, que decorreu durante quatro dias, no Cinema da Batalha, no Porto.

No campo literário, fiz uma pequena notícia sobre Miguel Sousa Tavares, vencedor da terceira edição do Prémio Clube Literário do Porto.

A acrescentar a estas notícias, baseadas em “press releases” de assessorias de imprensa, estão as “breves”. Se nas anteriores predominou a divulgação, o dar a conhecer, nestas isso é ainda mais evidente. Regra geral, anuncia-se apenas o evento, o local e a hora, e nada mais.

Como referi, poucos são os acontecimentos/eventos culturais que têm um seguimento noticioso. Na maioria das vezes divulga-se o acontecimento, mas, depois, não há cobertura jornalística. Quando a há, peca pela intemporalidade da notícia, isto é, o texto não é publicado no dia seguinte, mas dois dias depois. Isto é explicado pelo editor de Cultura do Jornal de Notícias. Segundo Emanuel Carneiro, é impossível a cobertura de todos os eventos, aliás é impossível fazer a cobertura de metade dos eventos culturais, pois não há nenhuma instituição no mundo que o faça (Carneiro, 2008).

Em segundo lugar, a própria lógica de funcionamento do jornal a isso obriga. Se a hora de fecho tem como limite as 23h00 e os espectáculos são na maioria das vezes à noite e acabam depois dessa hora, não dá para noticiar no dia seguinte. O que se faz nesta situação é um texto breve, na última página (que é a página das notícias de última hora) a dar uma perspectiva geral, e no dia seguinte faz-se um texto mais completo (ibid.).

2.2.2. “Etcetera”

O Jornal de Notícias, tal como a maioria dos generalistas, dedica um espaço diário ao “mundo cor-de-rosa”, denominado “Etcetera”. Esta/s página/s pertencem também à editoria de Cultura. Em três meses de estágio, mais de metade dos dias foram dedicados às celebridades (ver anexo 2).

A página, sobre as novidades dos famosos, grande parte das vezes -excepto quando há publicidade, também para colocar na página – tem o mesmo formato: uma figura de destaque, três de médio destaque e o “selo”, no canto superior direito, onde só vem uma curta frase.

Este trabalho é baseado, sobretudo, em “sites” ditos “cor-de-rosa”, que existem em grande número, com actualizações permanentes.

Desde o novo amor de Joana Solnado, aos gémeos de Jennifer Lopez, até à nova tatuagem de David Beckham, foram muitas as novidades que dei a conhecer aos leitores deste jornal.

Aqui, convém também esclarecer que nem sempre a página é dedicada às celebridades - embora o seja na maioria das vezes. Acontecimentos como o Festival do Chocolate, em Óbidos, o Salão Erótico, no Porto, o Carnaval ou os presentes ideais para o Dia de S.Valentim, também entram nesta página.

Embora não fosse um trabalho muito gratificante, de um ponto de vista pessoal e profissional, tinha a noção (e o editor de Cultura referia-o muitas vezes) do grande número de leitores daquela página.

2.2.3. Edição de “takes”

Dos trabalhos “ de secretária”, faltam referir dois: a edição de “takes” de agências e as entrevistas por telefone.

O trabalho de edição de “takes” de agências (regra geral da agência Lusa) foi, essencialmente, uma função de fim-de-semana, pelo número reduzido de jornalistas na secção. O trabalho ia muito além da edição: se são atribuídas x páginas à Cultura, elas têm que ser preenchidas. Se não há “nada em mãos”, ou melhor, agendado, as agências são a solução mais viável.

O Jornal de Notícias, a par dos outros órgãos de comunicação social, trabalha com várias agências noticiosas. A principal é a portuguesa Lusa, única do país. Os leitores - e digo isto porque também sou uma receptora de notícias - não têm a noção da quantidade de informação diária que é proveniente das agências.

É, contudo, de ressaltar que todos os textos são editados, não só pela limitação ou insuficiência de informação para determinado espaço destinado à notícia, mas também pela própria linha editorial do jornal.

As agências são tão importantes ao ponto de que visitá-las é das primeiras tarefas do dia, e não só do início do trabalho, porque de hora em hora, sensivelmente, é preciso ver se há algo importante para pôr na edição do dia.

2.2.4 - Entrevistas por telefone

Por telefone, tive oportunidade de fazer três entrevistas (ver anexo 3). A primeira foi ao realizador João Trabuço sobre a sua longa-metragem “Sombras - Um filme sonâmbulo”, que conta a vida do poeta Teixeira de Pascoas. Como trabalho adicional, tive que ver o filme. Não era estreia nacional, mas ia ser exibido na Fundação Serralves, numa projecção especial para a Comunicação Social.

As outras duas entrevistas foram no meu último mês de estágio. A primeira foi ao maestro finlandês John Störgards. O condutor musical vinha dirigir a Orquestra Nacional do Porto, na Casa da Música, no dia 23 de Fevereiro. O espectáculo contava com peças de compositores conterrâneos e estava inserido no programa da Casa da

Música de país/tema, este ano denominado “Focus Nórdico”. O maestro falava inglês. Foi a minha primeira entrevista em língua inglesa, e daí resultou uma maior preocupação.

A segunda entrevista foi ao vocalista da banda inglesa Waterboys, Mike Scott. A banda regressou a Portugal, para apresentar o mais recente álbum “Book of Lightning”, num concerto único, em Vila Nova de Gaia.

Como tinha feito na entrevista ao maestro John Störgards, pus a gravar a entrevista. E nova aprendizagem: nunca confiar nas máquinas. O gravador encravou ao fim da primeira pergunta. Conclusão: apenas tinha as minhas breves notas, às quais acrescentei algumas de que ainda me lembrava. Tinha material para a notícia, mas permaneceu o sentimento de culpa. Mas foi uma lição construtiva.

2.3 - Os trabalhos de exterior

Os trabalhos “de rua” são os que permitem um contacto directo com as fontes dos acontecimentos e uma observação efectiva do que se passa, o que resulta num enriquecimento da matéria informativa. São, também, os mais ambicionados pelo jornalista. Utilizando as palavras do jornalista Ricardo Kotscho, o “Lugar do repórter é na rua” (Kotscho, cit. em Lopes 2007: 1).

Enquanto nos trabalhos “de secretária” a informação é fornecida por terceiros que não estão presentes, nos trabalhos de exterior é o jornalista que recolhe essa informação. Há um envolvimento directo com as fontes e com os acontecimentos.

2.3.1- Conferência de Imprensa

A conferência de Imprensa foge em alguma medida a estes ditames. Não é só informação fornecida (porque o jornalista tem contacto directo com a fonte e pode questioná-la), mas também limita a acção do jornalista – aquilo que é dito é do interesse da fonte. Por estes motivos, não é o género jornalístico no exterior que mais aprecio.

Durante o estágio participei em duas conferências de imprensa (ver anexo 4). A primeira foi com o músico Peter Murphy, na véspera do seu espectáculo no Pavilhão de Gaia – no dia 23 de Novembro. Nesta, fui acompanhar uma jornalista da secção, a Marta Neves – sempre disponível para ajudar -, e a notícia era para ser feita pelas duas.

Aprendi a não ficar tão presa às “regras” teóricas, apreendidas ao longo do curso, em relação à conferência de imprensa.

A última foi organizada pelo Festival Internacional de Cinema do Porto - Fantasporto, para a apresentação do programa de 2008. Mário Dorminsky foi a figura de destaque.

Semelhante à conferência de imprensa, por ser também de iniciativa da fonte, é o ensaio de imprensa, embora seja mais enriquecedor na dimensão visual. O Teatro de Ferro ia estrear no Auditório Municipal de Gaia a sua mais recente encenação, intitulada “Quase solo” e, um dia antes, apresentou a peça à Comunicação Social. Tanto quanto sei, em muitos casos, apenas é representada uma pequena parte da peça. Neste caso concreto, a peça foi apresentada quase na íntegra. Mas, como disse, o facto de o próprio jornalista poder ver a peça dá-lhe outro entendimento. É muito mais fácil falarmos daquilo que vimos do que falarmos do que, simplesmente, nos contaram.

2.3.2 – As idas ao museu e a entrevista a Paulo de Carvalho

Um dos trabalhos mais enriquecedores foi a reportagem que fiz no Museu Papel Moeda, da Fundação Cupertino Miranda, sobre um projecto de acessibilidades, pioneiro em Portugal, para ajudar os cegos, amblíopes e pessoas com paralisia cerebral a visitar o museu autonomamente. A reportagem foi exclusiva para o Jornal de Notícias e mereceu, inclusive, a página de abertura da secção (ver anexo 5).

Como não sabia antecipadamente o espaço destinado à notícia, houve a preocupação em obter o maior “background” possível sobre o projecto. O tempo não foi obstáculo, porque tive dois dias para realizar a reportagem - o primeiro para a recolha de informação e o segundo para seleccionar e redigir o texto.

Ir ao museu recolher a informação e contactar com a realidade permite uma visão mais alargada sobre o assunto a tratar. Todos os sentidos são accionados. Um “press release” não tem esse poder. Não mostra emoções, nem ambientes, além se só apresentar os aspectos que mais interessam aos seus promotores.

Regressei ao museu, mas desta vez ao Soares dos Reis, onde foi inaugurada a exposição do pintor e escultor António Cruz (ver anexo 6). A inauguração foi no dia 15 de Dezembro e estava marcada para as 18 horas. Contava com a presença da Ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima (entretanto exonerada das suas funções), do advogado Miguel Veiga e do director da Cooperativa Árvore, Amândio Seca.

Aqui houve a pressão do tempo. Primeiro, a notícia tinha que ser feita no dia; segundo, a ministra chegou atrasada, e, terceiro, a palestra acabou por se prolongar. Quando cheguei à redacção, já passava das 20 horas – hora a que habitualmente saía. Na minha secção já só estava o meu editor e só faltava a minha notícia para encerrar a Cultura.

Se os trabalhos “de secretária” foram, maioritariamente, sobre música, nos trabalhos de exterior houve somente um. A Casa da Música encomendou um trabalho a Paulo de Carvalho. A liberdade de escolha foi-lhe concedida e o músico criou o espectáculo “DoFado” – um trabalho que parte do fado para uma sonoridade mais jazzística. Foi a estreia, quer do espectáculo, quer de Paulo de Carvalho na Casa da Música. Um dia antes, entrevistei o compositor. Foi uma reportagem gratificante, não só pela qualidade do entrevistado, mas pela originalidade do próprio espectáculo (ver anexo 7).

2.3.3. Os trabalhos sem sucesso

A par destes trabalhos “de rua”, tive dois outros que não deram frutos. O primeiro foi no período de férias escolares de Natal. A companhia de teatro “As Boas Raparigas” estava a promover “workshops” para os jovens - uma forma também de os ocupar durante as férias - sobre a segurança na Internet. Quando chegámos ao local, não estava nada a decorrer. Os “workshops” tinham sido adiados por falta de crianças e ninguém tinha comunicado o facto ao jornal.

Estava nos últimos dias de estágio, quando chegou à secção a informação de que na manhã seguinte ia decorrer um “casting”, às 10 horas, para um filme que iria ser rodado no Porto, e em que eram esperadas mais de 2000 pessoas. Fui lá, mas afinal, estavam apenas oito pessoas. Além disso, a pessoa que, supostamente, nos aguardava não estava no Porto, mas, em Lisboa. Finalmente, o actor que estava a tratar dos “castings” não podia dar nenhuma informação sem autorização dos realizadores. Faltavam os requisitos básicos para uma notícia: as fontes. E não houve notícia, portanto.

2.3.4 - A participação no “IN”

A crítica cultural, até Dezembro, integrou o caderno diário do Jornal de Notícias. A partir de Janeiro, com a criação do suplemento cultural denominado “IN”- que sai aos

sábados com a revista “Notícias de Sábado” (“NS”) - a crítica de música, livros, teatro, cinema, entre outras áreas culturais, passou a constar do caderno suplementar.

O primeiro número do “IN” saiu a 12 de Janeiro e eu participei nessa edição, concretamente na rubrica semanal “O que eu ando a ler”. A personalidade escolhida na inauguração do suplemento foi uma figura jovem da cidade do Porto, a vocalista dos Mesa, Mónica Ferraz.

Antes do “IN”, o jornal dedicava três dias à crítica: sexta - DVD`s, sábado – discos; e domingo - livros. No corpo do jornal, agora, só há crítica de cinema para as estreias, pois a restante crítica vem no suplemento.

O “IN” dedica maior espaço à “crítica” ao acrescentar à música também os livros, o cinema, o teatro, a dança, as artes plásticas e a arquitectura.

Uma das rubricas presentes em todas as edições do suplemento é o Roteiro. Esta rubrica dá a conhecer aos leitores as iniciativas culturais, a decorrer nessa semana, de Norte a Sul do país. É uma espécie de cartaz cultural semanal onde é dado destaque, de número para número, a uma cidade em particular.

2.4. Novos caminhos

O Jornal de Notícias está a desenvolver um novo “site”. Sítio sem parcerias, ao contrário do actual, que conta com a Sapo. No dia da minha entrevista com o director-adjunto Alfredo Leite, ficou acordada a minha participação neste novo projecto, inclusive a dispensa da secção de Cultura para realizar os trabalhos. Como pretendo especializar-me em saúde, foi nessa área o meu contributo.

A ideia inicial era fazer três trabalhos multimédia, mas, por motivos diversos, só realizei um trabalho de vídeo.

A minha reportagem foi feita no serviço de Oncologia do Hospital de S. Marcos, em Braga. O meu ângulo não versava sobre os doentes, mas sobre os enfermeiros. O que pretendia era mostrar o outro lado da doença, ou seja, como lidam estes profissionais com as emoções e a perda.

O cancro é das doenças que mais mata em Portugal e são os enfermeiros oncológicos que mais tempo passam com esses doentes, são quem melhor conhecem as

suas necessidades e com eles partilham emoções. Mas quando se aborda a doença, o papel do enfermeiro, muitas vezes, é esquecido.

Entre os enfermeiros e os doentes criam-se laços de afectividade e torna-se quase impossível ser estritamente profissional.

Durante o tempo que passei - e observei - no Serviço de Oncologia, do Hospital de S. Marcos, na elaboração da reportagem, e pelas entrevistas realizadas percebe-se a cumplicidade que existe entre os profissionais de enfermagem e os doentes. Há quem chore com o doente quando é preciso, há quem se controle e há doentes que partem e deixam marcas naqueles que deles cuidaram.

A par da participação na secção “Online”, tive uma pequena participação na Internacional, não programada.

Devido aos atentados a Ramos Horta e a Xanana Gusmão, em Timor Leste, a secção Internacional tinha em mãos o Primeiro Plano. Então o meu editor dispensou-me do trabalho da minha secção e “cedeu-me” à Internacional.

O que tive de fazer em primeiro lugar foi ver todos os “takes” das agências em relação ao assunto. Em seguida, tive de procurar citações para fazer algumas “vozes” e, por fim, escrever o perfil do general Alfredo Reinado, morto na própria emboscada (ver anexo 8).

Particpei, também, duas vezes, na Página do Leitor, mais concretamente, no inquérito aos leitores. A pergunta destes inquéritos está estipulada previamente. O jornalista, acompanhado pelo fotógrafo, vai para a rua tentar que alguém responda à pergunta. Digo tentar, porque são muitos os “nãos” que se ouvem.

A primeira pergunta que coloquei aos leitores foi poucos dias depois da entrada em vigor da nova lei do tabaco. A questão colocada foi: “As autoridades portuguesas estão preparadas para fiscalizar a nova lei do tabaco?”. Os portugueses mostraram-se confiantes quanto à actuação das autoridades.

Na segunda vez que fiz este trabalho, a pergunta era: ” Concorda que ao cometer três infracções graves o condutor fique sem carta?”. As opiniões foram divergentes (ver anexo 9).

Pelo que percebi, este não era o tipo de trabalho mais apreciado pelos jornalistas, principalmente pelo grande número de recusas. É um trabalho diferente, onde se dá voz ao cidadão. O efeito surpresa é de valorizar, pois ao contrário de outras entrevistas, o cidadão não está à espera nem sabe antecipadamente sobre que tema é a pergunta. São respostas não estudadas e directas.

2.Os motivos de reflexão

2.1 - O lugar e especificidade do jornalismo cultural

O Jornal de Notícias, tal como os outros jornais da sua categoria, está dividido por secções. Começa com o Primeiro Plano, onde vem a matéria de maior importância do dia, independentemente da área a que pertença (Economia, Sociedade, Polícia e Tribunais, Cultura, etc.). As últimas páginas são dedicadas à Cultura, ao Etcetera e à Televisão (e aqui junta-se a programação).

Com isto, quero chegar ao grau de importância que é dado à informação cultural. Um jornal parte da informação relevante para a de menor interesse. Logo, se a Cultura é que encerra o jornal, vê-se a importância que lhe é concedida - e, isto não acontece só no Jornal de Notícias. Os outros jornais impressos, e mesmo os televisivos, seguem esta linha editorial, o que significa que é atribuída à Cultura uma menor importância.

Dito isto, é lícito dizer que a Cultura é uma área jornalística secundária. E, não é só secundária por lhe serem atribuídas as últimas páginas. Também são poucas, para não dizer raras, as vezes em que lhe é dedicado o primeiro plano.

Durante os três meses em que fiz parte daquela redacção, houve apenas duas aberturas de Cultura, no Primeiro Plano.

A primeira foi quando a ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, foi exonerada do cargo, juntamente com o ministro da Agricultura. Mas aqui não está só a Cultura; a Política também entra.

Numa segunda vez, o jornal destacou o fim dos D'ZRT, banda nascida na série "Morangos com Açúcar" e de grande sucesso entre os jovens. Uma banda que não chegou ao quarto aniversário, embora a sua curta duração tenha sido de grande sucesso. A explicação para esta segunda abertura é simples: D'ZRT vende.

Com esta abordagem inicial, vivenciada enquanto estagiária, pretendo delimitar o campo do jornalismo cultural enquanto área jornalística. Não é prioritária em nenhum jornal generalista, mas tem especificidades próprias.

No jornalismo cultural há maior liberdade na escrita; por outras palavras, pode-se embelezar mais um texto, sem pôr de parte, contudo, os factos. Daí resulta, por vezes, a associação a um género literário e, por isso, de maior estatuto.

O jornalismo cultural, tal como qualquer área jornalística, cumpre as normas do jornalismo geral. Os critérios de noticiabilidade têm de estar presentes, independentemente da forma como os assuntos são apresentados.

Já a falta do imprevisto marca a secção de Cultura – embora o haja. Quando falo em falta de imprevisto refiro-me à agenda. Embora a agenda esteja presente em todas as secções, em Cultura é impossível fugir-lhe. Sabe-se antecipadamente o que se vai fazer. Se x ou y banda vai actuar, por exemplo, no Porto, sabe-se que o jornal vai divulgar o concerto. O mesmo se passa com uma peça que vai estrear ou uma exposição que vai inaugurar. Convém realçar que a notícia é maior ou menor consoante o relevo do acontecimento. E tudo isto está marcado antecipadamente na agenda, porque são datas fixadas com bastante antecedência.

Não quero com isto dizer que não há lugar para além da agenda, no jornalismo cultural, até porque ela é indispensável. Cabe é ao próprio jornalista ter uma visão pró-activa, tentar encontrar histórias ou “pequenos tesouros” escondidos. E, na secção de Cultura, tive oportunidade de ler textos que não passaram pela agenda. Mas acontece esporadicamente.

Para Emanuel Carneiro, o editor, “o jornalismo cultural, como qualquer outra área jornalística, tem que estar atento à agenda, à actualidade, mas tem sobretudo de se destacar pela diferença” (Carneiro, 2008). E acrescenta: “A agenda é o ponto de partida. Um jornal diário vive à custa da agenda, não lhe pode fugir. Ela é sempre um guia, mas o ideal é enriquecer os acontecimentos da agenda e, sobretudo, oferecer matérias próprias aos leitores, que não encontre nos outros jornais. Dar perspectivas diferentes, descobrir acontecimentos, histórias relacionadas com a cultura, aperceber-se dos movimentos estéticos” (ibid.).

Há histórias desconhecidas, no campo cultural, que os leitores gostariam de conhecer. Podemos conhecer e não gostar. Mas não vamos gostar de algo sobre o que não temos qualquer conhecimento. A comunicação social tem esse poder: o poder de dar, ou não, visibilidade aos acontecimentos.

A agenda em Cultura é feita “de fora”, ou seja, a partir dos espectáculos culturais que são marcados. O que pode fazer o jornal para ir além da agenda marcada “externamente”?

O que se pode fazer, e o Jornal de Notícias fá-lo muitas vezes, para não ficar tão preso aos ditames da divulgação são reportagens que enriqueçam os temas da agenda. Outra aposta do jornal são as entrevistas aos intervenientes directos dos acontecimentos.

Contudo, em Cultura, vê-se pouco confronto entre fontes, não há uma grande pluralidade. O usual é entrevistar, quando se trata de um concerto, o vocalista do grupo; numa peça de teatro o encenador e quando se trata de um filme o realizador, por exemplo.

Por vezes o JN aposta em reportagens e entrevistas que não são de agenda, mas são casos mais raros, devido ao tempo, espaço e número de profissionais de Cultura. Estes trabalhos, que escapam à agenda, ficam relegados para um segundo plano, pois o jornalista tem trabalhos agendados que são prioritários, uma vez que têm de ser feitos na hora e dia marcados. Quero com isto dizer que a agenda “interna” de Cultura é condicionada, não só pela visão pró-activa do jornalista, mas também pelo tempo e pelos espectáculos marcados “externamente”.

2.2. O contacto com as fontes

A notícia em Jornalismo, independentemente da área de actuação, resulta da relação entre os jornalistas e as fontes - imprescindíveis na legitimação da informação, quando o jornalista não é testemunha directa dos acontecimentos.

As fontes de informação, quer sejam oficiais ou não oficiais, colectivas ou singulares, dão sustentabilidade e credibilidade à notícia. Os jornalistas dependem delas. O contacto com as fontes torna-se imprescindível e as abordagens assumem diferentes modos. Por motivos diversos, o contacto pessoal com a fonte, por vezes, não é possível. Torna-se necessário contornar essas dificuldades e procurar outros meios de acesso. O mais corrente é o acesso telefónico.

Na descrição dos trabalhos realizados durante o estágio, mencionados anteriormente, referi diferentes modos de contacto com as fontes. O contacto pode ser feito através de comunicados das assessorias de imprensa, conferências de imprensa, meios de comunicação como o telefone ou e-mail, e pessoal. As agências noticiosas são, também, fontes à disposição dos jornais.

Em jornalismo cultural, a relação com as fontes assume contornos diferentes de outras áreas jornalísticas. As fontes são, na sua maioria, não oficiais, ou seja, são instituições não estatais – empresas que se servem dos media para divulgar os seus acontecimentos. No caso das fontes oficiais, e tendo como base o estágio, o destaque vai para as Câmaras Municipais, que por meio de “press releases” dão a conhecer as actividades culturais do seu município.

A entrevista é um género muito marcado na área cultural. O que não significa que no corpo do jornal a entrevista não apareça em género de notícia ou reportagem, por exemplo. Na esfera cinematográfica, a entrevista ao realizador ou actor principal justifica-se. O mesmo se passa nos outros campos. Na música, na literatura ou nas artes plásticas, o músico, o escritor e o artista plástico são as fontes procuradas para dar visibilidade à notícia, pois são os seus protagonistas centrais. São as fontes mais qualificadas e competentes sobre o assunto a falar.

Mas a entrevista presencial é muito diferente da entrevista por telefone ou e-mail. A abordagem directa/pessoal com a fonte permite ao jornalista estabelecer uma relação de proximidade com a fonte. Torna-se mais fácil obter informações. O contacto por telefone é impessoal. Segundo Anabela Gradim, “as entrevistas são presenciais, exigem contacto directo com a fonte, pela simples razão de que numa entrevista realizada por telefone, ou por escrito — as quais não estão vedadas, mas devem constituir excepção — se perdem todos os pormenores que constituem a riqueza pragmática do encontro” (Gradim, 2000:22).

Tive oportunidade de estar em ambas as posições: contacto pessoal e contacto telefónico com a fonte. Nas entrevistas com contacto directo com a fonte, ressalvo o inquérito ao leitor. Os entrevistados são escolhidos aleatoriamente. O não estar à espera (efeito surpresa), nem saber o tema da pergunta, resulta numa resposta mais espontânea e mais verdadeira.

No outro género de entrevistas há um motivo, os entrevistados sabem antecipadamente o assunto a tratar – embora não haja conhecimento das perguntas. No entanto, enquanto na entrevista pessoal captamos a informação, as reacções, emoções e surpresas, na entrevista por telefone limitamo-nos à dimensão informativa, ou seja, aquilo que nos é dito. Por isso, segundo Gradim, e no meu ver, a entrevista deve ser sempre presencial, porque resulta numa maior riqueza e aprofundamento informativo.

Quando as fontes são as assessorias de imprensa, a informação é intencional; o que se “diz” é pensado, é uma informação trabalhada, que ressalva os interesses da empresa. São fontes estratégicas e interessadas, que marcam a agenda dos media. Os textos assemelham-se aos publicitários e são, posteriormente, trabalhados pelo jornalista. O contacto com a fonte é indirecto, dessa forma limitado.

Na secção de cultura do JN, são em grande número os “press releases” das assessorias de imprensa. A indústria cultural vê no jornal um meio para divulgar os seus produtos. As notícias são baseadas numa informação interessada e cabe ao jornalista a

pesquisa e/ou posteriores entrevistas. O que acontece, na maioria das vezes, por causa do ritmo mediático e da economia de tempo, são notícias centradas na informação fornecida, sem entrevistas directas ou indirectas. O enriquecimento da notícia é menor já que predomina a divulgação e a superficialidade.

O recurso a fontes dão outro entendimento à informação, possibilita um maior aprofundamento da notícia ao facultar pontos de vista. Por exemplo, a notícia sobre uma exposição de fotografia tem maior aprofundamento se for entrevistado o fotógrafo a expor, pelo entendimento que o próprio tem dos seus trabalhos. E, quando complementada com outras entrevistas - como a outros fotógrafos (ou entendidos em fotografia) e visitantes da mostra -, maior é a riqueza informativa do texto.

As entrevistas pessoais permitem a observação além da informação, logo devem ser preferidas, mas uma entrevista quer seja directa ou indirecta dá sempre outro tipo de análise e poder de “manobra” ao jornalista. Sem entrevistas a informação além de superficial é restringida à informação pretendida pelas assessorias de imprensa.

A entrevista supõe liberdade de questionar por parte do jornalista – ela não pretende favorecer o entrevistado, mas esclarecer dúvidas – logo não é apenas informação pretendida pelo entrevistado. Assim sendo, para um maior enriquecimento e aprofundamento da informação, qualquer notícia, excluindo as “breves”, deve ser complementada com pesquisa e com entrevistas directas ou indirectas, de acordo com os recursos do jornal.

As entrevistas pessoais nem sempre são possíveis porque pressupõem tempo e recursos que, por vezes, as empresas jornalísticas não têm. Nesses casos são sempre uma mais-valia as entrevistas por telefone ou por e-mail, sendo preferíveis as primeiras, porque não dão azo a respostas reflectidas.

Fontes semelhantes, embora não interessadas, são as agências. As agências são fontes pagas e a informação é apresentada factualmente, sendo, também, tarefa do jornalista tratar essas informações e alargá-la. Enquanto as assessorias de imprensa têm como interesse a divulgação e notoriedade dos seus eventos/produtos, as agências vendem o seu produto (notícias) aos órgãos de comunicação social. As primeiras são fontes interessadas – embora também haja interesse por parte do jornalista em manter a fonte; as segundas são fontes desejadas e pagas.

CAPÍTULO II – O JORNALISMO CULTURAL

1.O jornalismo cultural

1.1. A cultura e as eras culturais

O estudo do jornalismo cultural é complexo e não se pode subordinar a uma definição. Torna-se, assim, necessário, antes de analisar o jornalismo cultural actual, um enquadramento teórico dos conceitos.

O que é a cultura/arte?

Para Danto, as obras de arte têm dupla cidadania: pertencem, por um lado, ao mundo dos objectos físicos e, por outro lado, ao “mundo da arte”. O último é confrontado pelo conhecimento da história da arte e, sobretudo, pela teoria artística vigente. É a teoria que nos permite entrar no mundo da arte e, assim, impedir que seja reduzido a mero objecto real. Assim, pode concluir-se que “a constituição de um objecto como obra de arte depende da decisão “subjectiva” de um crítico ou porta-voz do mundo da arte; para essa constituição é necessário que sejam encontradas no próprio objecto certas características imanentes que são postuladas pelo mundo da arte como identificadoras do artístico” (Danto, cit. em Leal, 1995: 25).

Uma obra não vale por si mesma, é preciso atribuir-lhe valor. Esta tarefa cabe, principalmente, aos críticos; são eles que lhe dão, ou não, valor. Uma obra precisa de ser reconhecida como obra. Se olharmos para uma obra de arte como mero objecto físico, sem prestar atenção aos pormenores estéticos, nenhum valor tem, além do decorativo.

Que objectos são obras de arte? Esta questão não é a mais pertinente para Goodman. A pergunta que o autor coloca é: “Quando há uma obra de arte? / quando há arte?”. Um objecto converte-se em obra de arte quando funciona como um símbolo, isto é, quando exemplifica, expressa e representa algo, transportando conhecimento sobre ele. Se olharmos para uma obra como mero objecto, sem nada sabermos sobre ela, não lhe atribuímos valor artístico. Logo, um objecto pode ser arte em alguns momentos e não sê-lo em outros. É obra sempre que cumpra a função simbólica (Goodman, cit. em Leal, 1995).

Para Paulo Filipe Monteiro (1992), a discussão e reflexão sobre os públicos da cultura/arte existem porque as artes que tornaram cada vez mais públicas. Nesse sentido,

o sociólogo apresenta a teoria das artes moderna como uma “estrutura de problematicidade” (Monteiro, 2002:72), isto é, numa tensão entre dois aspectos.

Primeiro, a modernidade, que se instituía ao mesmo tempo que o “famoso espaço público”, e autonomizou as diferentes esferas de acção, nomeadamente a arte. As artes tornaram-se cada vez mais uma esfera autónoma, com os seus próprios critérios, legalidades e ritmos. Por outro lado, as artes passaram a ser cada vez mais públicas, “passou a haver uma relação cada vez mais pública com as artes ou, pelo menos, com algumas das suas produções” (Monteiro, 2002: 72)

A arte tornada pública deve-se à mediação da comunicação, ou seja, do campo dos media. Os dispositivos de mediação, neste caso os processos comunicacionais, são instituintes do espaço público onde se desenvolvem as acções e os discursos. A arte/cultura, além de autónoma, tornou-se pública, devido à mediação da comunicação social entre as instituições artístico-culturais e o público-leitor.

A cultura está dividida por significados, grupos e visões. Mais de uma centena de definições foram registadas, em 1952, por Alfred L. Kroeber e Clyde Kluckhohn, e podem ser armazenadas em dois grupos: restrito e amplo. O primeiro refere-se à forma como um grupo organiza o seu conhecimento, enquanto o amplo abrange todo o conjunto tecnológico transmissível (Gomes, 2005).

A presente divisão dá azo, no século XVIII, à visão antropológica e humanista da cultura. A existência de diferentes culturas, de igual importância, é admitida pela antropologia. A visão humanista é mais restritiva. Associa a cultura a produtos do espírito humano considerados culturais, assumindo a cultura como privilégio só de alguns: há os grupos “cultos” e os “incultos”. Só os primeiros detêm o “saber” e o “bom gosto”. Surgem, aqui, dois tipos de cultura: a erudita, de elite, e a popular, do povo.

A cultura de elite, uma cultura “alta”, engloba as formas artísticas tradicionais e é reconhecida pela crítica. A cultura popular, uma cultura “baixa”, engloba as criações massivas, os costumes e as tradições de um povo. Esta divisão não é apenas um dado dos tempos passados; ainda, na actualidade, há esta separação de culturas. Por exemplo, as novelas, os “reality shows” e a música popular são considerados produtos culturais de menor qualidade (Melo, 2007).

Mas não há, somente, diferentes concepções de cultura. Para compreender a complexidade cultural e artística contemporânea, Lúcia Santaella divide a cultura em seis eras/formações histórico-sociais. A *cultura oral*, a partir do surgimento da fala; a *da escrita*, com o surgimento dos símbolos e, conseqüentemente, alfabetização; a

impressa, no ocidente iniciada no século XV; a *cultura de massas*, característica do século XX, fruto das recentes revoluções tecnológicas; a *cultura dos média*, possibilitada pela criação de equipamentos que permitiram o consumo individualizado de conteúdos, em oposição à era anterior; e, por último, a *cultura digital/cibercultura*, com pouco mais de uma década, da qual a internet é criadora. Com ela nasceu a possibilidade de convergência de toda a informação - texto, som, imagem fixa ou em movimento. Vivemos na era digital, o que não representa o desaparecimento das anteriores, mas a interação entre elas. (Santaella, cit. em Gomes, 2005).

Os períodos culturais não são lineares. O aparecimento de uma era, não implica o fim da outra, mas sim a sincronização com todas as anteriores. É um processo cumulativo. O aparecimento de uma nova formação cultural resulta da integração na anterior. Há um processo de “reajustamento e de refuncionalizações” (Santaella, 2003:25). Há suportes que são substituídos por outros, fruto das inovações tecnológicas e, em cada período histórico, a cultura é dominada pelo meio tecnológico mais recente. A cultura adapta-se ao meio.

Para Santaella, a cultura digital não nasceu directamente da cultura de massas, foi semeada “por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais”, ou seja, pela cultura dos média: “Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura virtual” (Santaella, 2003: 24).

As transformações culturais não resultam, exclusivamente, do aparecimento de novas tecnologias e, conseqüentemente, dos novos meios de comunicação cultural – estes são suportes materiais. Foram as mensagens, vinculadas por esses meios, e os processos comunicacionais que admitiram novas formas de pensamento e o surgimento de novos meios socioculturais. Os meios de comunicação são a componente mais superficial, são a base mas, ao mesmo tempo, meros canais, sem conteúdo que lhes forneça sentido. São os responsáveis pelo crescimento e multiplicação das mensagens linguísticas, mas não deixam de ser suportes físicos. O surgimento de novos dispositivos tecnológicos, acompanhado pela expansão e oferta diversificada da indústria cultural e o aparecimento da TV por cabo, proporcionam a procura individualizada, em oposição ao consumo de massas. É a cultura dos media. Passamos de meros receptores passivos a uma audiência activa e diferenciada (Santaella, 2003).

Foi a cultura dos media, segundo Santaella, que trilhou o caminho para os meios digitais, “cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação” (ibid.:27).

Nas palavras de Viviane Marques Guedes, “os media destacam-se no contexto da pós modernidade como entidade detentora de um saber, de uma forma de conhecimento quotidiano, de uma narrativa que se renova constantemente pelo fluxo inesgotável dos acontecimentos sociais” (Guedes, 2005: 6).

1.2 - Breve referência histórica

O jornalismo cultural no mundo tem como marco o ano de 1711. Foi nesta data que dois ensaístas ingleses, Richard Steele e Joseph Addison, criaram a revista diária “The Spectator”. Daniel Piza associa o surgimento da revista, e o desenvolvimento do jornalismo cultural, ao crescimento dos centros urbanos e consequente procura por produtos culturais. ““ The Spectator” dirigia-se ao homem da cidade, “moderno”, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades para o corpo e a mente, exaltando diante das mudanças no comportamento e na política. (...) O conhecimento era divertido, não mais a actividade sisuda e estática, quase sacerdotal, que os doutos pregavam”(Piza, cit. em Débora e Freire, 2007:3).

A importância da revista inglesa vai mais além. Ela é, para Fábio Gomes, um elemento crucial na gestação do Iluminismo Francês (Gomes, 2005). É no século das Luzes, século XVIII, que surgem as primeiras coberturas de cultura. Aos panfletos literários e revistas dirigidas, em especial, ao público feminino, que marcaram o século, juntam-se as longas conversas dos “salons”. Troca de opiniões sobre a produção literária ou a intriga política contemporânea marcavam a ascensão de uma burguesia a intelectualizar-se e a subir na aristocrática sociedade de então.

O jornalismo cultural nasce com a função de levar o conhecimento cultural ao maior número de pessoas. Tem o dever de dar a conhecer, para que o saber não seja restringido a uma elite. É o mediador entre a indústria cultural e o público, para que todos tenham acesso à esfera das artes, filosofias e literatura (Melo, 2007).

Em Portugal, a evolução da imprensa cultural no país do ante para o pós 25 de Abril de 1974 é indiscutível. As páginas culturais eram, já no período anterior à Revolução, um refúgio da intervenção política, mas é com o fim da ditadura que o jornalismo cultural começa a ter uma verdadeira expressão. Até aí, as formas de

expressão cultural como a imprensa, o cinema, a literatura, entre outras, eram controladas pela censura prévia, a qual decidia o que devíamos ler, escrever e sobre o que podíamos reflectir. Com o fim da ditadura a livre expressão do pensamento foi garantida.

Nasce, assim, a necessidade de acompanhar o crescimento da indústria cultural, até aí muito reprimida, e dá-se a explosão das manifestações culturais. A informação na área ganhou extensão e qualidade, nasceram as secções especializadas e as publicações específicas. A qualificação dos profissionais tornou-se necessária.

Citando Eduardo Prado Coelho, no *I Encontro Ibero- Americano de Jornalismo Cultural*, a partir dos anos 70 houve uma grande transformação: houve um processo de culturalização da vida social, uma economicização da vida cultural, um processo longo de questionamento da hierarquia cultural (antropologização da cultura: quase tudo é cultural (...)), houve a ideia de que a cultura dominante é posta em causa pela multiplicidade das culturas, apareceram múltiplas instâncias de legitimação da cultura. E tudo isto transformou o espaço da cultura. E daí a necessidade de preparação, de especialização, de profissionalismo dos jornalistas (...) (Prado, cit. em Neto, 2001: 2).

O *Se7e* e o *Blitz* foram os primeiros e únicos semanários dedicados, exclusivamente, à área cultural e aos espectáculos - ambos já extintos. O primeiro, fundado em 1977, acompanhou a época de ouro da música popular portuguesa e do rock português. Cessou a publicação em meados da década de 1990. O *Blitz*, especializado em música e cultura popular, teve a primeira edição em Novembro de 1984 e publicou o seu último número em 24 de Abril de 2006, sendo convertido para o formato de revista em Junho do mesmo ano.

A partir da década de 80 há, cada vez mais, revistas e cadernos de jornais especificamente dedicados à cultura. O desenvolvimento das indústrias culturais alargou a informação cultural aos jornais generalistas, que criaram editorias de cultura.

No panorama actual, a informação cultural jornalística espalha-se em editorias nos jornais diários, em suplementos semanais e em revistas especializadas. O recurso às novas tecnologias, de que é exemplo a Internet, é outra forma de acesso à informação, bens, serviços e produtos culturais, e tem-se consolidado nos últimos anos.

Os principais diários impressos portugueses actuais têm editoria própria. A *Cultur*, no *Jornal de Notícias*; *Cultura e Espectáculos*, no *Correio da Manhã*; *Artes*, n`*“O Público”*; e *Artes*, no *Diário de Notícias*.

Paralelamente às editorias, os referidos diários integram suplementos semanais. O “NS”- Notícias de Sábado, com formato de revista, circula encartado em três jornais do grupo ControlInvest: *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias* e *Diário de Notícias da Madeira* (Ilha da Madeira). Desde Janeiro último, a própria revista comporta um outro suplemento, denominado “IN”. Este é exclusivamente cultural, integrando a crítica, antes exclusiva do caderno diário. Tem como principais rubricas: Livros, Internet, Cinema, Roteiro, Música, Dança e Teatro; Mercado da Arte, Artes Plásticas e Arquitectura.

O *Correio da Manhã* tem como suplementos a “Domingo” e a revista “Vidas”, que sai ao sábado. Esta é mais voltada para as personalidades; já a primeira, prima pela diversidade de temas, com entrevistas e matérias sobre arte, carros, restaurantes, jogos e temas da semana.

O jornal *Público* encarta aos domingos a revista “Pública”, com formato idêntico à “NS”. Outros cadernos culturais do *Público* são: o “Y” (sextas), um suplemento de artes, e a revista de viagens e turismo “Fugas” (sábados).

O semanário *Expresso* dedica à cultura o caderno *Actual*, exclusivamente cultural, e a revista *Única*, que alude à arte, gastronomia, turismo e ciência. O *Sol* tem a editoria *Cultura e Tecnologia* e a revista *Tabu*, com temas relacionados com cultura, consumo, gastronomia, etc.

Os canais televisivos e generalistas SIC e TVI dedicam às quintas-feiras à noite, fora do horário nobre, um programa à cultura. No primeiro, denominado *Cartaz Cultural*, na TVI, *Cartaz das artes*. O programa, em ambos os canais, não vai além dos 30 minutos e apresenta os eventos da semana, em destaque na agenda cultural.

O canal que mais tempo de antena dá à programação cultural é o estatal RTP2, com programas como *Palco*, *Bastidores* e *Cartaz 2*.

Os estudos, nesta área de especialização jornalística, são escassos em Portugal. A definição de jornalismo cultural já por si é pouco consensual. O que é o jornalismo cultural? Esta produção jornalística deve ser meramente informativa ou ocupar-se, também, da análise, da reflexão e da crítica? O jornalismo cultural é uma área de especialização do jornalismo ou serve apenas para “colorir” e preencher as páginas dos jornais?

1.3 - O que é o jornalismo cultural?

Antes de uma reflexão, e depois de uma sucinta contextualização sobre o jornalismo cultural, é conveniente abordar as definições que norteiam esta área jornalística.

É tarefa complexa apresentar uma única e adequada definição de jornalismo cultural. A cultura já por si divide opiniões e o jornalismo cultural aumenta as controvérsias. A Wikipédia define-o como a “especialização da profissão jornalística nos factos relacionados com a Cultura, local, nacional e internacional, nas suas diversas manifestações, como Música, Cinema, Teatro, Artes Plásticas, Televisão, Folclore e afins. As primeiras coberturas de Cultura surgiram por volta do século XVIII em França, com os panfletos literários e revistas dirigidas especificamente para o público feminino”.

Fábio Gomes apresenta uma definição mais abrangente, apresentando os vários informes de apresentação cultural jornalística. O “Jornalismo cultural é o ramo do jornalismo que tem por missão informar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade. Complementarmente, o jornalismo cultural pode servir como veículo para que parte desta produção chegue ao público, publicando crónicas, contos, poemas, fotografias não - jornalísticas, desenhos de humor e ilustrações, ou através da veiculação de trechos de livros, letras de música e reprodução de quadros e desenhos”, (Gomes, 2005:6).

Vários são os mecanismos que o jornalismo cultural utiliza para atrair o leitor. A concorrência, tão marcada nas sociedades modernas, “obriga” as editorias a inovar e a utilizar todo o tipo de “armas” para captar a atenção do leitor. Cada vez mais se privilegia a forma em detrimento do conteúdo. A informação é, por vezes, o complemento.

Por seu lado, Jorge Rivera vê como objecto deste tipo de cobertura “uma área complexa e heterogénea de meios, géneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos, reprodutivos ou de divulgação o terreno das belas artes; letras; as correntes do pensamento das ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular. Além de estar relacionada a muitos outros aspectos que têm a ver com a produção, circulação e consumo de bens simbólicos” (Rivera, cit. em Débora e Freire, 2007:3).

Para Nadja Miranda, o jornalismo cultural é “uma área de especialização que se realiza sob as mesmas circunstâncias do jornalismo geral e é influenciado por todos os momentos políticos e económicos do país. Ele expressa tanto uma visão crítica,

discutindo questões em pauta na actualidade, quanto opiniões ou conteúdos tradicionalmente identificado com o status quo das sociedades onde emerge” (Miranda, cit. em Faro, 2006:7).

O jornalismo cultural, antes de mais, é jornalismo. Por isso, não pode fugir aos critérios jornalísticos gerais. Sérgio Luiz Gadini compreende por jornalismo cultural “os mais diversos produtos e discursos mediáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo (actualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, objectividade, clareza, dinâmica, singularidade, etc) que ao pautar assuntos ligados ao campo cultural, insistem, reflectem/projectam (outros) modos de pensar e viver dos receptores, efectuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde o mesmo é produzido, circula e é mesmo consumido” (Gadini, cit. em Lopez e Freire, 2007:3). A definição de Gadini vai além dos produtos e suportes culturais. A informação cultural deve projectar modos de pensar e ser, assim, promotora do conhecimento humano. Este é um dos pontos centrais do jornalismo cultural, pois não lhe cabe só informar, mas, também, formar o leitor.

1.4 - Um jornalismo de géneros

Quando se aborda o jornalismo cultural, a crítica, muito vincada na área, é apelativa ao debate. É dos géneros opinativos, o mais identificador e apreciado do jornalismo cultural. Mas, ao género, que marcou o florescimento da área, juntam-se outros opinativos e os informativos.

Seguindo a divisão de Fábio Gomes, incluem-se nos géneros informativos a notícia, a nota, a resenha, a reportagem e a entrevista. Géneros que o autor nomeia como comuns em todos os ramos jornalísticos, com excepção da resenha.

Numa breve apresentação, a *notícia* é a apresentação de um facto novo, respondendo às clássicas questões: o quê, quem, como, quando, onde e por quê. A *nota* – “breve”, em Portugal - como o próprio nome indica, é uma informação breve, embora cumpra os elementos básicos de uma notícia. A *resenha*, típica do jornalismo cultural, “apresenta os principais pontos de interesse de uma obra” e pode conter avaliações. A *entrevista* não é mais do que a reprodução directa do diálogo entre o jornalista e a fonte.

Num patamar superior pelo carácter interpretativo, apesar de ser também informativo, está a *reportagem*. Este género jornalístico socorre-se de diferentes fontes para ampliar e interpretar a notícia.

Nos géneros opinativos, Gomes cita três. O *comentário* é um “texto de apreciação sobre uma obra ou um evento. Pode incluir informações sobre obras anteriores ou ainda conter declarações do artista ou de outra fonte “ (Gomes, 2005: 6). O *ensaio* serve-se de vários enfoques para analisar um tema, como, por exemplo, uma obra ou trajectória de determinado artista. Por último, o género nobre do jornalismo cultural, a *crítica*. Cabe-lhe a “análise ampla e fundamentada de produto ou evento cultural” (ibid.:7).

Fábio Gomes separa a resenha da crítica, no que diz respeito aos géneros – informativo e opinativo respectivamente. Já Melo assume-os, de igual modo, como géneros opinativos, embora as diferenças entre eles sejam ressalvadas. Para a autora, é no início do século XX que os intelectuais e especialistas em arte deixam de ser os críticos culturais e são os próprios jornalistas que passam a desempenhar esta função. E é nesta altura que surgem dois tipos de textos apreciativos das obras de arte principalmente literários: a crítica e a resenha. A primeira mais aprofundada e a outra mais descritiva e factual (Melo, cit. em Cardoso, 2007:300).

O progressivo desenvolvimento da indústria cultural e das empresas jornalísticas e, conseqüentemente, a crescente profissionalização no sector cultural, ditaram a repartição da função crítica. Antes exclusiva dos intelectuais e apreciadores de arte da época, a análise crítica e interpretativa é também hoje função dos jornalistas. Continua a haver críticos especializados, mas já não são exclusivos. Esta passagem e/ou divisão acabou por ser redutora. A crítica não tem o aprofundamento de então; prima pelo carácter informativo e por avaliações superficiais.

Rivera também distingue os dois géneros. Enquanto a crítica se propõe resumir o sentido da obra e estabelece um juízo de valor sobre ela, salvaguardando a interpretação, a resenha resume-se ao seu carácter informativo e superficial. Uma não tem nada a ver com a outra. A primeira prima pelo aprofundamento, enquanto a segunda pela superficialidade (Rivera, cit. em Lopez e Freire, 2007).

Por seu lado, Isabelle Melo defende a necessidade da crítica, do carácter reflexivo. É ela que diferencia o jornalismo cultural das outras editoriais. Nas palavras da autora, ao contrário das outras editoriais, nomeadamente Economia, Sociedade e Política, os cadernos culturais não se limitam a noticiar práticas, mas também a reflectir sobre elas. O jornalismo cultural, dotado do género crítico, demarca-se pelo posicionamento reflexivo e formativo (Melo, 2007).

Unânime é que os géneros opinativos e, ao mesmo tempo, fundamentados, do jornalismo cultural não devem ser, apenas, um marco do passado. A natureza do jornalismo cultural requer uma cobertura focada na opinião, sempre fundamentada, em vez de ser meramente informativa.

1.5 - O império da agenda

O jornalismo cultural vive muito da agenda. Ela é o ponto de partida, é um guia, e, como tal, não se lhe pode fugir. Mas, o que há além do jornalismo de agenda?

Nas palavras de André Fonseca, “o jornalismo cultural nos últimos anos tornou-se quase sinónimo de agenda cultural. Os cadernos e secções de cultura de jornais e revistas dedicam-se a criticar burocraticamente filmes, espectáculos e CDs, divulgar grandes eventos supostamente culturais e criar pautas baseadas em releases de assessorias de imprensa. O espaço para análise e reflexão é cada vez menor, e o comprometimento dos grandes veículos com anunciantes e parceiros põe a independência e a imparcialidade do que se publica” (Fonseca, 2006: 1). O texto longo, característico do início do jornalismo cultural, foi substituído por pequenas notas críticas que pouco acrescentam ao entendimento do público/leitor. A crítica já não é especializada, não é só de alguns. “Qualquer um” opina sobre um filme que viu, ou um CD que ouviu.

Melo vê, como saída para o jornalismo cultural, a necessidade de escapar a essa limitação temática de lançamentos de CDs, livros e exposições de artistas consagrados para poder, enfim, compreender o sentido forte de cultura, “explorando mais as implicações das obras na sociedade do que, propriamente, reduzir-se a uma agenda de eventos. Falta mais análise e mais interpretação (no sentido de estabelecer relações múltiplas e complexas) – o que exige uma perspectiva aberta para as obras humanas sem classificá-las em paradigmas redutores” (Melo, 2007:4).

Nesse sentido, o jornalista cultural deve ser o mediador entre a indústria cultural e o leitor. Segundo Julio Daio Borges, citado por André Fonseca, quanto maior o alcance de um veículo, maior a pressão das assessorias de imprensa, que supostamente deveriam fazer mediação entre a indústria cultural e os jornalistas. “O jornalista cultural deveria então, como se diz, separar o joio do trigo – informar e, mais do que isso, formar o leitor, através de sua bagagem e de seu julgamento crítico” (Borges, cit. em

Fonseca, 2006:1). Os cadernos culturais reduzem as obras a si mesmas; não induzem formas de ver e pensar sobre elas, limitando a essência do jornalismo cultural.

Teresa Maia e Carmo prossegue na mesma linha de pensamento. Critica o jornalismo cultural “pobre e pouco entusiasmante” que se instalou e a “promiscuidade crescente entre os espaços de puro jornalismo – informação, opinião – e da promoção. O agressivo *marketing* das indústrias culturais (grandes distribuidoras de cinema, editoras de discos e livros, promotores de espectáculos) marca as secções de cultura, muito transformadas em canais de divulgação da sua agenda, conferindo um espaço progressivamente menor à crítica especializada e ao ensaio” (Carmo, 2006:3)

A relação directa entre o jornalismo e os anunciadores culturais remete para a dualidade do jornalismo cultural entre informação e promoção. Dando o exemplo concreto do JN, sendo ele um veículo de alcance nacional é desejado pelas assessorias, na procura pelo consumo. A informação cultural jornalística adquire, assim, um carácter também promocional. O jornal é um informe importante na difusão de produtos/eventos culturais.

1.6 - Uma mercadoria com valor de troca

Nos poucos estudos sobre o jornalismo cultural, o facto de ele ser muito dependente da agenda não cria divergências. Viviane Marques censura, não só, o jornalismo de agenda a que se assiste, mas, também, as “diversas estratégias de agendamento frequentemente utilizadas para a manipulação e publicação dos acontecimentos neste campo narrativo” (Guedes, 2005:7).

Mas as contestações não ficam por aqui. As empresas jornalísticas obedecem à lógica de mercado, “estamos na era do consumo, da superficialidade, da fragmentação que se espalha pelos diversos campos sociais. (...) Quando investigamos a produção cultural no âmbito do jornalismo impresso, quer seja em jornais ou em revistas, ressalvadas as devidas excepções, que o que se apresenta é uma abordagem superficial e lânguida dos eventos e acontecimentos no âmbito da cultura. Uma narrativa que não apreende o devido valor do saber cultural nas sociedades contemporâneas” (ibid.)

A informação cultural é um recorte superficial da realidade, nem ela escapa à era do consumo. Nas palavras da autora, atrás referida, dá-se cada vez menos importância à interpretação dos acontecimentos, passando-se a abordá-los segundo uma lógica factual e mercantil. Actualmente, não há uma análise analítica da obra de arte. A lógica de

mercado acelera o ritmo produtivo nas redacções jornalísticas e nega qualquer tentativa reflexiva em torno da informação cultural. Há, ainda segundo a mesma autora, uma crescente perspectiva mercantilista em detrimento do procedimento interpretativo. O que importa é vender o produto cultural, nutrir a indústria de consumo (Guedes, 2005).

É indissociável o crescimento do jornalismo da expansão do capitalismo. A notícia, como mercadoria que é, não escapa ao valor de troca. Inserido no sistema capitalista, o texto jornalístico tem o dever de ser interessante, actual, de fácil leitura e acesso, de baixo custo de produção e, por fim, mas de crucial importância, de gerar lucro à empresa que o produz.

E, se isso acontece com qualquer produto consumido na sociedade contemporânea, no jornalismo não é diferente. O jornalismo cultural actual sujeita-se à lógica mercantil do capitalismo, visível na incorporação da publicidade e no consumo/leitura imediata (Vargas, 2004).

Com o capitalismo, as empresas jornalísticas cresceram mas, em troca, subjugarão-se a ele. A informação cultural tornou-se mero objecto, que, tal como as outras mercadorias, tem um valor de troca e como finalidade o lucro.

Reduzir o jornalismo cultural a um jornalismo de agenda, “sem reflexão ou preocupação com consequências”, é, para Debora Lopez e Marcelo Freire, transportá-lo para alguém do seu conceito fundamental” (Lopez e Freire, 2007:9).

O jornalismo actual está muito vincado à agenda de divulgação. A crítica, a reflexão e a análise não são tão extensivas como em outros tempos. Para Herom Vargas, o ensaísmo e a crítica, que antes se constituíam nos elementos característicos fundamentais do género, pertencem “a um passado irrecuperável e desfigurado pela natureza contemporânea dos processos jornalísticos” (Vargas, cit. em Faro, 2006: 4).

Siqueira e Siqueira lembram que na prática das redacções, assessorias de comunicação e imprensa, divulgadores, representantes e patrocinadores disputam o espaço. Editores e jornalistas têm que lidar diariamente com essa questão: a disputa por um espaço que é jornalístico, mas tem peso comercial (Siqueira e Siqueira, cit. em Lopez e Freire, 2007).

Tratar hoje a cultura é bem diferente de há anos atrás. A cultura tornou-se um negócio, há empresas que disputam um mercado, assiste-se à crescente profissionalização e não é possível a análise de outros tempos. O produto cultural não foge ao estatuto de mercadoria, pois a sua inserção no universo simbólico do capitalismo é inevitável (Vargas, 2004).

1.7 - Há lugar para a crítica?

A crítica exerce um papel de mediação entre a obra de arte e o público, ou seja, é através dela que muitas pessoas têm o primeiro contacto com determinados produtos culturais ou mesmo com certos artistas. O crítico deveria ser aquele que formula questões, ou seja, mais que um mero fornecedor de informações, ele deve actuar como um questionador, promover a reflexão sobre a obra de arte e sobre o próprio conceito de arte. Em suma, a crítica é a combinação de três elementos: a pessoa do crítico, a particularidade dos objectos culturais com sua autonomia e o público potencial da obra (Leenhardt, cit. em Cardoso, 2007:303).

“Etimologicamente, as palavras crítica, crise e critério vêm do mesmo verbo grego *krino*, que significa escolher. De certo modo essa relação é estreita já que [...] criticar não é apenas decifrar uma criação inconsciente, a do artista. Criticar não é aplicar mecanicamente um critério já pronto a uma obra ou acção. É entrar na crise. É propor critérios que antes não existiam. É inventar o novo. E talvez aí esteja o forte e profundo sentido ético da arte: não mais ela exprimir uma moral pronta e prévia, a da religião, a de um mundo que transcenda o nosso, mas de apontar um modo de agir aberto à experiência e à novidade” (Ribeiro, cit. em Silva, 2007:10).

Para Lionello Venturi, a crítica é um juízo de valor de uma obra de arte e para a julgar é preciso compreendê-la. O crítico não pode compreender uma obra de arte sem enquadrá-la na actividade do seu autor, sem relacioná-la com as outras obras de arte de tendência afim ou oposta, sem fazer a sua história. “ Um crítico que julga uma obra de arte sem fazer a sua história, julga sem compreender” (Venturi, 1998:28). É preciso conhecer os elementos históricos da obra, pois sem esse conhecimento a crítica da arte não é possível.

Para que haja uma crítica bem formulada, defende Bornheim, citado por Andréia Silva, é necessária uma aproximação à obra, desde a sua concepção, pois é esse percurso que permite chegar às motivações do artista (Bornheim, cit. em Silva, 2007: 12). A crítica desprovida de fundamento e sem enquadramento não pode ser chamada de crítica. Só a leitura da obra na sua complexidade de elementos, inserida no campo de produção artístico-cultural, permite uma visão crítica.

É o crítico, segundo Bourdieu, que atribui valor simbólico às obras de arte. Em contrapartida, o crítico, detentor deste “poder” apreciativo, atribui valor a si mesmo. O

papel crítico é associado à intelectualidade e os críticos assumem-se como autoridade erudita, que lhe é conferida pelo público e, também, pela classe artística (Bourdieu, cit. em Cardoso, 2007:302).

A crítica de arte, segundo Venturi, pode ser compreendida em antinomias semelhantes às formuladas por Immanuel Kant. Primeiro, a tese: “Uma obra de arte só pode ser compreendida e julgada se a reconduzirmos aos elementos que lhe deram origem, e caso não fosse assim, a obra seria algo isolado do complexo histórico a que pertence e perderia o seu verdadeiro significado” (Kant, cit. em Venturi, 1998:28).

Segue-se a antítese: “Uma obra de arte só pode ser compreendida e julgada por si mesma”, ou seja, se assim não fosse, a obra de arte não seria obra de arte, “já que os seus elementos dispersos se agitam também nos espíritos dos não artistas, e artista é apenas aquele que encontra a nova forma, o novo conteúdo, que é, afinal, a alma da nova obra de arte” (ibid.). A solução, ou dito de outra forma, a síntese é “que uma obra de arte tem, sem dúvida, valor por si mesma” (ibid.). Compreender uma obra de arte é compreender o todo nas partes e as partes no todo. Ora, se o todo só se conhece através das partes, as partes só se conhecem através do todo.

Mas que lugar ocupa hoje a crítica no jornalismo cultural?

Quando utilizo o termo “crítica” na área jornalística em questão, refiro-me ao texto apreciativo e interpretativo da obra de arte. Ao texto aprofundado e não apenas à análise lânguida e fragmentada de uma obra. Em suma, à crítica definida por Revira (Rivera, cit. em Lopez e Freire, 2007).

Viviane Marques assinala algumas das mudanças ocorridas nos últimos anos, no campo do jornalismo cultural. A começar pela “carência interpretativa”, passando pela “intensa factualidade” que cada vez mais vem acompanhando as informações sobre cultura, até à “análise ou crítica segmentada e superficial das expressões artísticas. A imprensa capitalista cultural baseia-se numa informação débil e factual dos informes culturais. A perspectiva mercadológica, a orientação para o consumo de bens culturais, nega qualquer tentativa de ostentação reflexiva” (Guedes, 2005:8).

O jornalismo cultural, segundo Gadini, (...) “acaba por assumir ou deixar-se ‘guiar’ mais fortemente pela lógica da ‘divulgação’ dos produtos de que fala/tematiza/agenda, diferenciando-se de uma característica indispensável em outras editoriais que é pluralidade ou imprescindibilidade de contemplar directa e mesmo explicitamente várias vozes potencialmente interessadas no assunto pautado. O

jornalismo cultural ao priorizar um olhar de divulgação, agendamento e crítica (mesmo que essa tenda por vezes a volta-se ao plano da “percepção” estética), acaba por não considerar – tanto quanto acontece em outros sectores – a perspectiva de pluralidade. A fonte de notícia imprime uma maior credibilidade ao olhar da realidade que o discurso representa ou viabiliza - é uma forma de legitimar a própria notícia” (Gadini, 2002).

A visão saudosista da actividade jornalística cultural, sem apelos comerciais do jornalismo contemporâneo, nas palavras de Herom Vargas, sente falta “do texto mais longo, e da análise profunda e cuidadosa, ressentido os espaços para os serviços, a menor atenção à crítica e a necessidade de estar preso à agenda diária ou semanal” (Vargas, 2004:2). Para o autor as condições de produção da informação e da notícia cultural do mundo moderno, inviabilizaram as antigas maneiras de produção jornalística. No princípio era a crítica, hoje a agenda.

Com estas visões sobre o jornalismo cultural actual, percebemos as transformações que as editorias culturais vêm sofrendo, nomeadamente a perda do espaço crítico e reflexivo, géneros que marcaram o desenvolvimento da área. O jornalismo de agenda e divulgação carimbam as páginas culturais. A culpa é atribuída ao progresso capitalista e conseqüente era do consumo, dentro da qual a própria cultura é, também ela, produto com valor de troca.

A crítica cultural nos diários portugueses está, segundo Sérgio Gadini - e também a meu ver, pela observação enquanto estagiária da secção de cultura do JN -, entre o ensaio e a informação. Há uma maior divulgação e apelo ao consumo cultural do que propriamente ao esclarecimento público com base na informação e análise crítica de produtos do campo cultural (Gadini, 2002).

Para Piza, os suplementos diários de cultura são cada vez mais superficiais. Privilegia-se as entrevistas às celebridades e o aumento de espaço para os colunistas, em detrimento da crítica cultural de opinião fundamentada. A crítica já não têm o carácter reflexivo de outrora (Piza, cit. em Lopez e Freire, 2007).

“A imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe” (Piza, 2003:12). Um dever que o tempo diluiu. O crescimento da indústria cultural, a conseqüente aceleração do ritmo produtivo nas redacções e a pressão das assessorias de imprensa mudaram os propósitos do jornalismo cultural.

Não obstante ao que se passa no jornalismo cultural em geral, em Portugal as páginas de Cultura são também elas redutoras do conceito desta área jornalística. A carência do género crítico é uma realidade.

Os jornais generalistas portugueses dedicam algumas das suas páginas diárias à Cultura, mas os trabalhos mais críticos e interpretativos fazem parte dos suplementos semanais. O tempo diário é insuficiente e a produção limitada, daí que os textos de maior aprofundamento fiquem reservados aos suplementos.

Nos cadernos diários predominam notícias mais factuais do que explicativas, mais superficiais do que aprofundadas. Além do tempo limitado para estas notícias no dia-a-dia, os suplementos de fim-de-semana coincidem com os dias de descanso de muitos cidadãos que dispõem de mais tempo para a sua leitura e é também ao fim-de-semana que ocorrem o maior número de espectáculos culturais. Nesse sentido, a crítica é cada vez mais relegada para essas publicações, pelo aprofundamento que exige.

Durante a semana, embora hajam textos de carácter avaliativo e interpretativo primam pela superficialidade. Quero com isto dizer que, a Cultura nas páginas dos diários portugueses está mais empobrecida porque as empresas jornalísticas socorrem-se, cada vez mais, dos suplementos culturais para anunciar a crítica musical, cinematográfica, teatral, entre outras críticas de manifestações artísticas e apresentar textos mais interpretativos.

Assim sendo, torna-se impraticável um estudo sobre o jornalismo cultural nos jornais portugueses sem recorrer aos suplementos. Não se pode restringir o estudo às poucas páginas diárias dedicadas à Cultura, pois nestas é visível a ausência de crítica cultural, uma vez que ela é relegada para os suplementos. Toda a apreciação feita anteriormente, sobre as formas de informar do jornalismo cultural, vai de encontro à informação diária de Cultura dos jornais generalistas. A divulgação cultural e a ausência crítica não são características dos suplementos semanais, mas das páginas diárias de informação Cultural.

Atrás mencionei os suplementos culturais dos principais jornais diários portugueses. O *Actual*, do semanário *Expresso*; o *IN*, do *Jornal de Notícias*; passando pelo *Ípsilon*, do jornal *O Público*, são três suplementos dedicados exclusivamente às manifestações culturais. Os outros jornais também têm suplementos dedicados à Cultura, mas não são exclusivos - outros temas são também abordados.

Nestes suplementos encontram-se reportagens, entrevistas alargadas e a crítica a diversas manifestações culturais. Dos três suplementos agora referidos, o *IN* fica aquém

- em tamanho e em informação-, porque, além de ser um suplemento recente, há temas culturais que preenchem o suplemento *NS* – suplemento onde o IN vem encartado. Convém ressaltar também que o semanário *Expresso* não tem editoria de Cultura, daí uma maior aposta no *Actual*, uma vez que a informação Cultural do referido jornal é exclusiva deste suplemento.

Comum aos três suplementos são as críticas a CD'S, a filmes e a livros. Em todos semelhantes, a crítica existe, mas não são textos de grande aprofundamento. Neste tipo de críticas a interpretação obedece ao espaço reduzido.

1.8. Divulgação ou Publicidade?

São vários os autores que criticam o jornalismo de agenda e de divulgação do mundo contemporâneo. E há outros que vão mais longe ao assumir a divulgação publicitária que o jornalismo cultural vem adoptando. A área cultural jornalística não é imune à pressão das assessorias de imprensa da indústria cultural - muito pelo contrário. Jornalistas e assessores precisam uns dos outros. Há uma espécie de aliança, uma troca de favores – os primeiros precisam das fontes e os segundos de divulgar o seu produto.

Uma das conclusões a que chegou Gadini quando analisou as páginas culturais dos principais diários portugueses – entre Outubro de 2001 e Fevereiro de 2002 - foi a prioridade dada ao denominado “jornalismo de divulgação”, marcado pela simples e directa veiculação de informações sobre eventos e factos sociais. Neste tipo de jornalismo, ressalta o papel visível e presente das assessorias de imprensa na divulgação mediática.

As editorias de cultura são diariamente “invadidas” por “press releases” a informar/divulgar os seus eventos. Cabe-lhes seleccionar, seguindo os critérios de relevância e interesse para o leitor, o que publicar. A escolha pressupõe sempre a rejeição. Ao divulgar, está-se a publicitar? A informação cultural é publicidade gratuita?

A par das dúvidas e críticas despoletadas pelo jornalismo de agenda, a divulgação, muito vincada no jornalismo cultural actual – e conseqüente falta de cobertura e crítica, além da influência das assessorias de imprensa - põe em causa a função do jornalismo cultural, cada vez mais associado à divulgação publicitária.

Citando André Fonseca, “predomina hoje o jornalismo de agenda, onde as vedetas são os guias de fim-de-semana, e o *modus operandi* (até em termos de linguagem) é o mesmo da divulgação publicitária” (Fonseca, 2006:1).

Nas palavras de Teresa Maia e Carmo, a mistura entre promoção e jornalismo é um dado dos tempos: “O especialista de *marketing* e o jornalista cultural estudam nas mesmas universidades” (Carmo, 2006:4).

Torna-se cada vez mais complicado dissociar jornalismo cultural de jornalismo promocional. Para quê contratar mais jornalistas quando se pode aproveitar o trabalho das assessorias de imprensa e das agências noticiosas e rentabilizar lucros? O que importa é preencher e “colorir” as páginas culturais. O que resulta daqui? Quem ganha com tudo isto? As assessorias. Esta é a propaganda mais desejada. É publicidade a custo zero.

Segundo Andréia de Lima Silva, as páginas de Cultura apresentam duas realidades distintas: abordam, cada vez mais, temáticas não artísticas e o espaço destinado à reflexão crítica é cada vez menor. No caso da crítica, o problema é ainda maior, já que os espaços reservados à cultura não vão além de uma simples exposição do produto/evento, impossibilitando qualquer reflexão do leitor (Silva, 2007).

As editorias culturais são, assim, mais divulgadoras do que informadoras/formadoras dos leitores e o poder das assessorias de imprensa é indiscutível. Os textos culturais acabam por ser entendidos como meramente propagandísticos do produto, sem análise nem crítica. Nesse sentido, o jornalismo cultural é uma actividade muito marcada por interesses empresariais – da indústria informativa e da indústria cultural –, onde a natureza económica e o consumo/leitura imediata, por vezes, se sobrepõem à qualidade da informação.

Faro (2006) ao analisar o artigo do jornalista Breno Castro Alves, publicado no site “Comunique-se”, intitulado “Os desafios do jornalista que cobre cultura”, e os comentários interactivos à dita matéria, deparou-se com uma maioria descrente no papel do jornalismo cultural. Críticas como “espaço de mercado, de vaidades, de despreparo dos editores, de oportunismo” (Faro, 2006:2) foram atribuídas á editoria de cultura.

A conclusão não podia ser outra: “No jornalismo cultural e fora dele, a natureza fundamental das coberturas poderia ser resumida a um desempenho profissional hegemonicamente dominado pelas pressões das assessorias de imprensa, pelas relações de poder estabelecidas pelas empresas jornalísticas e pelo oportunismo publicitário” (Faro, 2006:2/3).

O jornalismo cultural, ao dar a conhecer, está a publicitar? Ou dito de outra forma: a informação cultural é também publicitária?

Antes, durante e após o estágio esta questão manteve-se. Torna-se indissociável o jornalismo cultural da publicidade gratuita, embora este não lhe possa fugir.

Ao noticiar-se determinado evento, dá-se-lhe visibilidade e notoriedade. É uma forma de propaganda cultural. Nas palavras do editor de Cultura do JN, Emanuel Carneiro, divulga-se um acontecimento mediante a importância que ele tem; nem uma terça parte dos eventos que chegam à redacção é publicada. Noticia-se acontecimentos em detrimento de outros mas não é publicidade. Trata-se de seleccionar a informação mais relevante (Carneiro, 2008).

Não estão em causa os critérios de noticiabilidade da editoria de Cultura. Sem dúvida que a relevância é o principal. Embora não intencional, ao divulgar-se determinados produtos/eventos culturais, como por exemplo um novo CD ou um concerto, dá-se-lhes notoriedade e ao mesmo tempo promoção.

Por outro lado, embora predomine, na era moderna, um jornalismo cultural vincado pela divulgação parece-me infundada a comparação deste termo com publicidade. É certo que ao divulgar-se determinado evento dá-se-lhe visibilidade, mas é uma divulgação restrita aos factos, ou seja, não deixa de ser informação. Simplesmente a natureza da divulgação jornalística é redutiva e limita a própria informação cultural.

Não só a relevância da informação é determinante para a sua publicação. Uma empresa jornalística, como qualquer outro tipo de empresa, tem o lucro como finalidade, é esta a lógica de sobrevivência. O editor de cultura do JN dá um exemplo simples: “O Centro de Artes de Portalegre tem das melhores programações musicais do país. E, nós pouco divulgamos, porque lá vendemos 10 exemplares. Se damos a abertura de cultura a Portalegre, que muitas vezes a merecia, vendíamos uma dúzia de jornais. O leitor do Porto, Lisboa ou de Braga pega no jornal vê Portalegre e não lê, vira a página” (Carneiro, 2008)

O Jornal de Notícias noticia os eventos/acometimentos tendo em conta o público-alvo do jornal. Há interesses empresariais que também limitam a esfera informativa. Sendo o JN um jornal do Norte há conveniência em apostar, numa escala maior, nos acontecimentos culturais da região, porque aí residem o maior número dos seus leitores. Previligia-se acontecimentos em detrimento de outros como forma de se aproximar dos seus leitores.

1.9. A informação cultural no Jornal de Notícias

A editoria de Cultura do Jornal de Notícias – jornal em estudo neste trabalho – tem como pretensão ir além do jornalismo cultural de agenda. Mas fica frequentemente aquém. A maioria dos textos publicados é de divulgação de agenda. São esporádicos os textos que não a cumprem. O limite de tempo e espaço são dois problemas que se apresentam, mas não são únicos. A pressão das assessorias, matérias relegadas para os suplementos semanais, o ritmo que a profissão exige e o reduzido número de profissionais a trabalhar exclusivamente na área são outros entraves à “fuga” da agenda.

A agenda de serviços, a informação factual e de divulgação e a análise crítica superficial são características da editoria cultural do Jornal de Notícias. A divulgação predomina em oposição à crítica fundamentada e especializada. Inclusive, a crítica ao cinema, no âmbito geral, é marcada pelas estreias, o que significa que também ela é agendada. Mas não só os filmes em lançamento marcam a agenda de serviços. O lançamento no mercado de um CD ou de um livro são convites à notícia, à divulgação. Há uma estreita relação entre os lançamentos da indústria cultural e a informação neste campo do Jornal de Notícias.

Grande parte das notícias que integram a edição diária são matérias disponibilizadas pelas agências noticiosas e por “press releases” de assessorias. Sendo o JN um veículo de longo alcance, é um veículo desejado pelas assessorias, na procura pelo consumo. É notória a pressão das assessorias de imprensa no dia-a-dia e nas páginas culturais da editoria. São as mais interessadas em divulgar os seus produtos/eventos, e os jornais são um informe barato (exceptuando quando se trata de publicidade), e ao mesmo tempo de grande alcance.

A informação cultural do JN – a par do que acontece no panorama do jornalismo cultural em geral, adquire, assim, um carácter promocional.

No que diz respeito à cobertura cultural jornalística, ela é feita, essencialmente, aos eventos com grande impacto público e restringida ao jornalismo informativo de agenda. Os concertos são dos eventos que mais impacto têm em Cultura, merecendo cobertura informativa. Nas palavras do editor de Cultura, os concertos têm maior destaque na cobertura noticiosa porque não são tão uniformizados como grande parte dos eventos culturais.

O mesmo se passa com as reportagens. Apesar de o jornal oferecer, frequentemente, reportagens aos seus leitores, as mesmas são baseadas na agenda. Assiste-se à normalização dos espaços culturais, onde a agenda é indispensável ao dia-a-dia e está presente em todos os géneros culturais.

1.9.1 - O “IN”

Na contextualização histórica do jornalismo cultural em Portugal foram referidos, no panorama actual, os cadernos dos principais jornais diários e semanários, bem como os suplementos que os acompanham semanalmente.

Um suplemento citado foi o “IN” - suplemento recente, do Jornal de Notícias. Deixo aqui algumas considerações, relativamente à informação cultural do anunciado suplemento.

As páginas do “IN” são dedicadas, em exclusivo, à informação cultural. A crítica - a livros, discos e filmes -, antes pertença do caderno diário de cultura, integra o “IN”, excepto as estreias de cinema, que se mantêm no jornal.

As rubricas semanais de Música, Cinema e Livros são alvo de uma crítica superficial, de meros juízos valorativos. A análise crítica e interpretativa fica aquém do conceito de crítica em jornalismo cultural. O discurso é mais informativo e promocional, embora valorativo, do que de reflexão crítica.

Duas outras rubricas semanais são “Na Discoteca de...” – ou “Na Biblioteca de...”, alternadamente - e, inserida nas páginas sobre Livros, a rubrica “O que eu ando a ler”. Tanto numa como em outra são escolhidas personalidades ligadas ao mundo das artes para nos contar as suas preferências; na primeira, as musicais e mostra a sua colecção discográfica e na segunda, o/s livro/s que de momento estão a ler. São rubricas mais ligeiras, mais de curiosidade do que de informação, mas de leitura apazível.

Uma das apostas do Jornal de Notícias é as Artes Plásticas e, não só no suplemento, o mesmo acontece nas páginas diárias do jornal. Emanuel Carneiro, editor de Cultura do Jornal de Notícias, explica a aposta em artes plásticas em detrimento de temas de maior interesse para os jovens. Na sua opinião são os que se interessam por artes que compram o jornal. E acrescenta: “Os jovens não compram o jornal, vão à Internet. O JN vende imensos jornais com as artes plásticas, porque quem se interessa, geralmente, por artes plásticas é a faixa etária entre os 40/60 anos e estes não vão à Internet, compram o jornal” (Carneiro, 2008).

Apesar da aposta do JN nas Artes Plásticas, a música e o cinema têm maior destaque. No corpo do suplemento há uma página dedicada às Artes Plásticas, outra ao Mercado da Arte e também à Arquitectura. A crítica no suplemento vai além da crítica que anteriormente se fazia nas páginas diárias do jornal. Maior número de temas, inclusive a rubrica semanal Internet, e maior espaço dedicado à crítica, embora esta, grande parte das vezes, seja pouco aprofundada.

É visível e prioritário um jornalismo cultural mais informativo do que opinativo. Salvo os suplementos, o enquadramento informacional e o carácter pedagógico de formação cultural do leitor são mais aparentes do que uma realidade. Mesmo a crítica, nos cadernos de fim-de-semana, perdeu forma e conteúdo, ao ser muito vincada pela divulgação de novos lançamentos, que funcionam como um apelo ao consumo cultural.

CONCLUSÕES

As reflexões apresentadas nasceram de várias problemáticas observadas durante o estágio curricular na secção de Cultura do Jornal de Notícias. O conceito de cultura é abrangente, tornando o estudo do jornalismo cultural complexo. A pretensão do trabalho foi perceber a realidade do jornalismo cultural actual. Diferentes autores e estudiosos da matéria foram aqui abordados e a “crise” do jornalismo cultural parece evidente.

Na primeira parte do trabalho, a descrição do estágio na secção de cultura é uma maneira de apresentar a forma de se fazer jornalismo cultural. Embora descritivo, deixa subentendidas as realidades da informação cultural. Textos maioritariamente baseados em comunicados de assessorias e em “takes” das agências noticiosas mostram as limitações da área, nomeadamente, o tempo. As páginas culturais do JN são marcadas pelo agendamento e pela informação factual cultural. O ritmo da profissão, o reduzido número de profissionais na área e a lógica de funcionamento do jornal são barreiras à fuga do poder dos anunciadores. Os lançamentos da indústria cultural marcam a agenda da secção e as agências são um grande contributo na esfera informativa. Sendo as assessorias, as agências e os intervenientes directos do produto ou acontecimento (o realizador, compositor ou artista plástico, por exemplo) as fontes do jornalista cultural, a forma de perceber a realidade acaba por ser reduzida aos interesses de divulgação. A crítica e os textos mais interpretativos são relegados para o suplemento semanal “IN”. Se atendermos, exclusivamente, as páginas culturais diárias, não só do JN mas também dos outros jornais generalistas portugueses, percebe-se a visão negativa, sobre o jornalismo cultural, que sobressai das diferentes leituras estudiosos da matéria.

Em vez de um jornalismo opinativo vincado pelo género crítico, que o diferencia das outras áreas jornalísticas, o jornalismo cultural é marcado pela agenda de serviços e divulgação, gerando críticas à sua actuação. Passou de crítico a criticado. Um jornalismo mais interessado na leitura imediata, do que na reflexão e análise crítica.

A época contemporânea, marcada pelo crescimento da indústria cultural, inseriu o jornalismo, sem excepção da cultura, no mercado de consumo, onde a própria informação tem valor de troca. Na era capitalista é impraticável um jornalismo cultural deslocado do sistema empresarial, sistema esse que lhe dá existência. Domina a superficialidade e factualidade em detrimento da interpretação dos acontecimentos e da análise aprofundada da obra de arte. A notícia é reduzida a objecto que, tal como outros

objectos, tem como função gerar lucros à instituição que a produz. Reduzir a informação cultural a mera mercadoria impede-a de exercer os elementos fundamentais do género cultural.

As assessorias de imprensa, cientes das “necessidades” do jornalismo cultural, da pressão e aceleração da indústria informativa, aproveitavam-se para divulgar/publicitar os seus produtos/eventos. Há uma carga crescente de informação promocional no jornalismo.

Os cadernos culturais são os grandes anunciadores da indústria cultural, são os canais desejados pelas distribuidoras de cinema, editoras e promotoras de eventos. São cada vez mais os anunciantes, parceiros das assessorias de imprensa, interessados em publicitar os seus produtos/eventos. Há uma estreita relação entre o jornalismo e a promoção.

Como resultado, o jornalismo cultural perdeu a sua essência. Já nada é o que era na informação cultural. Foram a crítica, a reflexão e a interpretação que marcaram o nascimento desta área jornalística, e hoje são relegadas para um segundo plano, o plano da superficialidade. Não há tempo, nem lugar para a análise detalhada; críticas são avaliativas mas pouco aprofundada.

O texto longo e interpretativo da crítica cultural foi substituído pela informação factual e promocional, limitando o questionamento reflexivo do leitor. Este é informado de um vasto leque de produtos/eventos, mas não lhe é proposta a meditação sobre eles. Noticiam-se práticas mas não se reflecte sobre elas; há informação, mas não formação. O jornalista, sendo o mediador entre a indústria cultural e o leitor, tem o dever de promover o conhecimento humano. Vivemos na era do consumo/leitura imediata, onde não há lugar nem tempo para a reflexão pormenorizada. O produto rápido substituiu a análise.

O crescimento da indústria cultural e, conseqüentemente, o número quase inesgotável de produtos/eventos, aliado ao ritmo acelerado das redacções e pressão das assessorias de imprensa, foram os responsáveis pelas transformações da informação cultural e pela perda de conteúdo. A informação é, agora, débil e factual, dando apenas uma visão superficial do mundo cultural.

Veículos de grande alcance, de que é exemplo o JN, são desejados e preferenciais para as assessorias. E o seu poder é visível pela incorporação diária de notícias baseadas em “press releases” de anunciadores. Tudo isto não reduz apenas a actuação do jornalismo cultural, limita também o próprio jornalista. O jornalista, ao anunciar temáticas desprovidas de reflexões, limita o seu sentido crítico e interpretativo.

Os suplementos culturais são hoje a “salvação” do jornalismo cultural. A perda de informação cultural nas páginas dos diários portugueses deve-se, em muito, aos suplementos culturais semanais. O ritmo diário de uma redacção jornalística coloca entraves ao trabalho mais aprofundado e reflexivo e, para contornar o problema, os cadernos semanais são uma solução viável. A crítica cultural é quase exclusiva dos suplementos; se olharmos apenas para as páginas diárias dedicadas à cultura deparamo-nos, como já referi anteriormente, com um jornalismo cultural pobre, marcado pela divulgação e por limites de tempo e de espaço.

Estas conclusões não são apenas baseadas em teorias. Estudos na área e o envolvimento pessoal no modo de ser fazer jornalismo cultural comprovam essas teorias. O presente trabalho é redutor porque há muitas temáticas sobre o jornalismo cultural que não são aqui explanadas. A complexidade do tema deixa em aberto muitas outras abordagens.

BIBLIOGRAFIA

BASSO, Eliane F. C (2005), *Modernidade e cultura na imprensa brasileira*. Tese de Doutorado em Comunicação Social: UESP.

(<http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Basso.pdf>, acessido em 26/04/2008).

CARDOSO, Everton (2007), “Crítica de um enunciador ausente: a configuração da opinião no jornalismo cultural”

(<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1167-1.pdf>>, acessido em 26/04/2008).

CARMO, Teresa e Maia (2006), *Evolução portuguesa do Jornalismo Cultural*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

CARNEIRO, Emanuel (2008), *A informação cultural no Jornal de Notícias* [entrevista da autora do trabalho ao editor da secção de Cultura do Jornal de Notícias], Porto, 26/03/2008.

FARO, J. S. (2006), “Jornalismo Cultural: Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. *Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo, Metodista, Ano 28, nº 46

(<http://www.jsfaro.pro.br/downloads/jornalismo%20cultural_sbpjor_2006.pdf>, acessido em 26/04/2008).

FONSECA, André (2006), “O verdadeiro jornalismo cultural” (<http://www.digestivocultural.com>, acessido em 24/01/2008).

GADINI, Sérgio Luiz (2002), “Tematização e Agendamento Cultural nas páginas dos diários portugueses”

(<<http://www.bocc.ubi.pt/pdf>>, acessido em 07/03/2008).

GUEDES, Viviane Marques (2005), “Fragmentos de um discurso: a narrativa do jornalismo cultural na pós-modernidade”

(<<http://www.bocc.ubi.pt/pdf>>, acessido em 07/03/2008).

GOMES, Fábio (2005), *Jornalismo Cultural*. Brasil: Brasileirinho Produções.

GRADIM, Anabela (2000), “Manual de Jornalismo”. Universidade da Beira Interior

(<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.html>>, acessido em 05/06/2008).

LEAL, J6se Garcia (1995), *Arte y conocimiento*. Granada: Universidade de Granada.

LOPES, Marcelo Jos6 (2007), ““Lugar de rep6rter” 6 na rua: perspectivas de humaniza76o do jornalismo na experi7encia do jornal mural Mack no Muro” (<<http://www.fnj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=31&cf=1>>, acessado em 03/06/08).

LOPEZ, Debora; FREIRE (2007), Marcelo, “O jornalismo cultural al6m da cr6tica: um estudo das reportagens na revista *Raiz*” (<<http://www.bocc.ubi.pt/pdf>>, acessado em 24 de Janeiro de 2008).

MELO, Isabelle Anchieta (2007), “Jornalismo cultural: por uma forma76o que produza o encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura” (<<http://www.itaucultural.org.br/rumos2007/pdf>>, acessado em 03/05/2008).

MONTEIRO, Paulo Filipe (1992), in Col6quio *Percep76o Est6tica e P6blicos da Cultura*. Compila76o das comunica76es apresentadas. Acarte: Funda76o Calouste Gulbenkian. Pp 71-86.

PIZA, Daniel (2003), *Jornalismo Cultural*. S6o Paulo: Editora Contexto.

RIVERA, Jorge B.(2003), *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paid6s.

S/A (2008a), “Enfrentar o futuro”, *Jornal de Not6cias* (suplemento), ed. de 02/06/08.

S/A (2008b), “Um cavalheiro de largas vistas”, *Jornal de Not6cias* (suplemento), ed. de 02/06/08.

S/A (2008c), “Jovem com poder aquisitivo”, *Jornal de Not6cias* (suplemento), ed. de 02/06/08.

SANTAELLA, L6cia (2003), “Da cultura das m6dias 6 cibercultura: o advento do p6s-humano”. Porto Alegre: Revista Famecos, n622 (<<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/22/a03v1n22.pdf>>, acessado em 06/06/2008).

SILVA, Andreia de Lima (2007), “Jornalismo cultural: em busca de um conceito” (<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1253-2.pdf>>, acessado em 03/05/08).

SILVA, Neto (2001), *I Encontro Ibero-Americano de Jornalismo Cultural*, vol. 3- (2): Outubro, Novembro, Dezembro.

VARGAS, Herom (2004), *Reflexões sobre o Jornalismo Cultural Contemporâneo*. Estudos de Jornalismo e Relações Públicas. Ano 2. n. 4. São Bernardo do Campo, SP.

VENTURI, Lionello (1998), *História da Crítica da Arte*. Lisboa: Ed.70.

WIKIPÉDIA

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo_cultural).

Anexo 1

Inauguração

Três novas exposições no Centro de Fotografia

■ “Testemunhos do tempo”, “Night order”, “Fast city & Days of nights”, dos fotógrafos Flor Garduño, João Leal e Morten Anderson, respectivamente, são os nomes das três exposições a inaugurar, hoje, pelo Centro Português da Fotografia (CFP), no Porto.

A inauguração é às 15 horas, no edifício da antiga cadeia da Relação, e conta com a presença dos três fotógrafos, acima mencionados.

As exposições podem ser apreciadas até ao dia 16 de Março do próximo ano.

Recorde-se que o trabalho “Night order” foi galardoado, em 2006, pelo Centro Português de Fotografia, com o Prémio Pedro Miguel Frade. Imagens “luminosas” tiradas na Finlândia e no Alentejo, com ausência de luz na-

tural, podem ser vistas na exposição.

Flor Garduño, fotógrafa mexicana, tem o seu trabalho representado em diversas colecções públicas e privadas, incluindo o MOMA de Nova Iorque e o Museu J. P. Getty de Los Angeles. As fotografias primam pela ligação mítica entre o sagrado e o profano e a sensibilidade que transferem.

Por seu lado, a exposição “Fast city & Days of nights”, além da apresentação de imagens de Morten Anderson, conta com projecção de vídeo.

O fotógrafo tem uma experiência alargada nas artes visuais e já participou em várias exposições colectivas na Noruega, Holanda, Alemanha, Inglaterra, Suíça e França. **Fátima Ribeiro**

Abertura

Colectiva inaugurou Acto Galeria de Arte

■ Porque a arte nunca é de mais, a cidade do Porto conta com mais uma galeria. Acto é o nome do novo espaço cultural, inaugurado no sábado passado.

A juntar à inauguração, o dia ficou marcado pela abertura da primeira exposição da galeria. A mostra conta com trabalhos de vários artistas portugueses e pode ser visitada até dia 1 de Fevereiro do novo ano.

Gil Teixeira Lopes é um dos nomes mais sonantes desta exposição. O pintor é professor catedrático jubilado de Pintura da Faculdade de Belas Artes (antiga ES-BAL). A sua obra é multifacetada e vasta em técnicas utilizadas e em temas. Recebeu entre 1960 e 1998 cerca de 40 prémios e distinções, quer no país quer no estrangeiro, assim como participou em

inúmeras exposições. As suas obras estão representadas em diversas colecções privadas e públicas. No início de 2007, o artista, que se diz inspirado em coisas banais do quotidiano, deu a conhecer uma pequena parte do muito trabalho que ainda mantinha inédito, com a exposição "Anos 70/70 anos".

Marília Viegas, Matilde Marçal, pintoras e professoras da Faculdade Belas Artes da Universidade de Lisboa, Guilherme Parente, Lima Carvalho e António Pedro são os artistas que, para além de Gil Teixeira Lopes, mostram algumas das suas pinturas na exposição inaugural da ACTO Galeria.

Este espaço de arte está aberto de terça-feira a sábado, das 15 as 19.30 horas. **FR**

Quatro dias

Ciclo de cinema israelita

■ O Cinema da Batalha, no Porto, inicia, hoje, na Sala Bebé, o Ciclo de Cinema Israelita, que se estende até à próxima quinta-feira. Nestes quatro dias, podem ser vistos quatro filmes, promovidos pela Embaixada de Israel.

O filme a exhibir hoje é "The Secrets", de Avi Nesher, nomeado para oito prémios da Academia de Cinema de Israel, o mesmo realizador de "Ritual" e de "O mercenário".

Naomi, interpretada pela atriz israelita Ania Bukstein, é a protagonista deste filme e vai envolver-se amorosamente com ou-

tra mulher, Michelle. O amor lésbico e rituais cabalísticos são os principais ingredientes do argumento.

Nos dois dias que se seguem, serão exibidos os filmes "Someone to Run With", de Oded Daviddoff, e "Beaufort", de Joseph Cedar.

O ciclo acaba com "The Bubble", de Eytan Fox. Um filme que retrata as vidas e paixões de três jovens israelitas, duas raparigas e um rapaz

As quatro sessões são às 21 horas, com entrada livre.

Fátima Ribeiro

Música

DIREITOS RESERVADOS



"The Bird of Music" é o segundo álbum do trio Au Revoir Simone

Au Revoir Simone pela primeira vez em Portugal

■ Trio actua hoje em Braga e amanhã em Lisboa

Fátima Ribeiro

Au Revoir Simone, trio norte-americano, assinala, hoje, a estreia em Portugal, com o concerto de apresentação do álbum "The Bird of Music", às 21.30 horas, no Teatro Circo, em Braga.

A formação de Erika Forster, Annie Hart e Heather d' Angelo, naturais de Brooklin (Nova Iorque), em digressão por vários países da Europa, assumiu, desde o início, a preferência pelos teclados, o que resultou num som composto por sintetizadores, pelo som "vintage" de uma bateria electrónica e por um coral de três vozes femininas.

Guitarras e baixos ficam de fora na música destas três amigas nova-iorquinas, com influências musicais diversas: Stereolab, Lali Puna, Björk, The Beach Boys e Phillip Glass.

O álbum de estreia, "Verses of Comfort, Assurance & Salvation", auto-editado em 2006, conferiu-lhes reconhecimento junto da crítica especializada e do realizador norte-americano David

Lynch. Daí à escolha de três canções do grupo para a banda-solista de "Anatomia de Grey", de que é exemplo o tema "Through The Backyards", que lhes garantiu o sucesso junto do grande público, foi um pequeno passo.

"The Bird of Music", lançado em Março deste ano, é o segundo álbum do trio, formado em 2003. Um trabalho mais coeso e musicalmente desenvolvido, reflexo, segundo as próprias, "de uma maior consciência da identidade da banda". Com um estilo definido entre o electro-pop, indie-pop ou folk experimental, as Au Revoir Simone explicam a sua paixão por sintetizadores através das palavras de um dos elementos fundadores. "Os teclados têm realmente personalidades e é muito mais divertido fazer música com eles do que com os computadores", afirma Erika Forster, que começou a dar forma ao projecto quando, durante uma longa viagem de comboio, partilhou as suas ambições musicais com Annie Hart.

Amanhã, às 22 horas, o trio vai estar no Santiago Alquimista, em Lisboa, para mais um concerto desta digressão. □

Concertos

Vitorino volta ao Teatro da Trindade

■ Cantor apresenta hoje, amanhã e depois, em Lisboa, novo trabalho, "Ao vivo a preto e branco"

JOSÉ MOTA



Vitorino é um dos mais conhecidos compositores da música nacional

Fátima Ribeiro

Vitorino regressa, hoje, às 21.30 horas, e lá estará até à próxima sexta-feira, ao palco do Teatro da Trindade, em Lisboa, para a apresentação, do novo disco, "Ao vivo a preto e branco".

O trabalho, editado no passado dia 12 e que Vitorino levará a todo o país em 2008, nasceu dos cinco espectáculos que Vitorino deu, em nome próprio, no Teatro da Trindade, no início do ano. Naqueles concertos, Vitorino levou o público numa viagem pelo Alentejo, com passagem por Lisboa.

O disco, em formato duplo, é uma colectânea que revisita os 30 anos de carreira do compositor. "Rouxinol repenica o canto", "Marcha de Alcântara" e "Maria da Fonte" são três dos 15 temas

que podem ser ouvidos, e relembrados, no álbum. As suas canções transmitem a "simplicidade e a pureza da música popular portuguesa".

Vitorino lançou, em 1975, o primeiro disco, que incluía uma das canções mais marcantes do imaginário português: "Menina estás à janela".

Recorde-se que o mais recente trabalho do compositor alentejano foi a compilação "Tudo", editada em Fevereiro de 2006, com 50 canções em três discos temáticos subordinados aos temas "O Alentejo", "Lisboa" e "O amor".

Vitorino é um dos mais conhecidos compositores nacionais e faz parte de uma geração da música popular portuguesa que inclui Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Fausto e Sérgio Godinho, entre outros.

Os bilhetes para o espectáculo custam entre 12 e 20 euros. □

Festival

Música no palácio

■ O salão árabe do Palácio da Bolsa, no Porto, recebe, amanhã, às 21.30 horas, o sexto concerto do Festival de Música, temporária 2007, organizado pela Associação Comercial do Porto.

Serão interpretadas peças de Ibert, Tchaikovsky, Wolf, Durparc, Shostakovich, Lopes-Graça e Rimski-Korsakov.

O baixo cantante do espectáculo é João Fernandes, formado na Guildhall School of Music & Drama, em Londres. A acompanhá-lo, no piano, vai estar João Queirós, que já participou no XIX e no XXI Festival Internacional de Música da Póvoa do Varzim e no II e no VI Festival Internacional de Música de Gaia. FR

Musical

JOSE ANTONIO DOMINGUEZ



Noddy no seu carro amarelo, hoje, no Europarque

Noddy e amigos procuram um tesouro escondido

■ Espectáculo estreia hoje, no Europarque, em Santa Maria da Feira, e tem novas personagens

Fátima Ribeiro

“Abram alas pró Noddy” que está de regresso aos palcos nacionais. A personagem de grande sucesso entre os mais novos estreia, hoje e amanhã, o seu novo espectáculo, “Noddy-Live - O tesouro escondido”, no Europarque, em Santa Maria da Feira. A aventura pode ser vista às 11, 15 e 19 horas.

Um cenário multimédia de fundo e equipamentos que ajudam a sincronizar a acção no palco com a reacção do público e duas novas personagens são as novidades deste musical infantil. Além das personagens conhecidas da Cidade dos Brinquedos – a urso Teresa, o Oreilhas, o sr. Lei, o sr. Páisca, a boneca Dina, e os trapalhões, Sonso e Mafarrico – Noddy vai contar com a ajuda de novos aliados: o robot Sabe Muito e o cão Turbolento.

Nesta nova aventura, o boneco do carro amarelo vai precisar da ajuda de todos os seus amigos para encontrar um misterioso tesouro. O conhecimento de inglês

do robot Sabe Muito vai ser uma grande valia nesta missão e como sempre Sonso e Mafarrico vão dificultar as coisas, com as suas trapalhadas, nesta história inédita e didáctica do Noddy.

A vinda de “Noddy Live” a Portugal foi, em parte, resultado de alguns estudos onde se verificou que a marca “Noddy” tinha (e tem) um grande potencial de sucesso, em grande parte devido à elevada notoriedade da série infantil junto dos pequenos telespectadores portugueses.

Esta mega produção da Lemon envolve um investimento de cerca de 700 mil euros e foi concebida para salas de grande dimensão. Envolve mais de 250 pessoas, quatro camiões TIR, dois deles vindos especialmente de Inglaterra para montagem e produção de cenários com novas técnicas, que irão transportar o material ao longo das quatro apresentações nacionais.

Nos fins-de-semana seguintes até ao Natal, e depois de Santa Maria da Feira, o Noddy vai estar em Lisboa, Figueira da Foz e Portimão. O preço dos bilhetes varia entre os 15 e os 35 euros □

Multidisciplinar

“Eunice” quer juntar infância com velhice

■ O Serviço Educativo do Teatro Do Campo Alegre (TCA), do Porto, estreia hoje, às 16 horas, “Eunice”, um espectáculo multidisciplinar, para crianças a partir dos 4 anos.

A peça, que estará em exibição até dia 7, trata de duas idades, a infância e a velhice. De acordo com o director do espectáculo, António Júlio, «Eunice» é resultado do trabalho criativo de uma equipa. «Nasceu da ideia de abordar estas idades e foi crescendo com o texto, o som, a ima-

gem, a cenografia e os adereços(...)». Uma das particularidades deste espectáculo é a interactividade. Assim, em algumas cenas, vai haver uma ligação directa com o público, onde estes para além de espectadores serão também protagonistas”.

“Este é o espectáculo ideal para ser visto pelas crianças na companhia dos seus avós, visto tratar destas duas idades, que se sucedem como um ciclo», explica Rute Pimenta, programadora do Serviço Educativo do TCA. FR

Ao vivo

Clássicos nas vozes de Vítor de Sousa e Inês Santos

■ Quinta das Lágrimas, em Coimbra, recebe espectáculo para assinalar a chegada do Inverno

PEDRO CORREIA



Vítor de Sousa dedica-se à divulgação de poetas portugueses

■ Fátima Ribeiro

A Quinta das Lágrimas, em Coimbra, vai ser palco hoje, a partir das 22 horas, de alguns clássicos da música e poesia portuguesa interpretados pela cantora Inês Santos e pelo actor Vítor de Sousa, num espectáculo único para celebrar a chegada antecipada do Inverno naquela cidade.

O espectáculo, intitulado, "Flor(es) sem tempo – clássicos da música portuguesa", está inserido no programa "As quatro estações das Lágrimas".

Temas como "Cavalo à solta", "Menino do Bairro Negro", "No teu poema" ou "Sol de Inverno" vão ser relembrados.

Inês Santos e Vítor de Sousa,

duas gerações, contam com a companhia em palco do pianista Paulo Figueiredo, de Pedro Pinto à bateria e de Luís Oliveira no contrabaixo.

Vencedora do primeiro concurso "Chuva de estrelas" e do Festival da canção (1998), a cantora participou no Eurofestival da Canção e tem dois álbuns editados.

O actor Vítor de Sousa é um dos nomes sonantes do teatro e da televisão. No espectáculo de logo à noite, além de apresentar alguns temas que constam dos vários discos que já gravou, vai estabelecer um diálogo entre a arte do dizer e a musicalidade interpretativa de Inês Santos.

Este é o terceiro espectáculo do ciclo "As quatro estações das Lágrimas", por onde já passaram nomes como Nuno Guerreiro e Cristina Branco. □

Pop/rock

Charlatans estreiam-se hoje em Portugal

■ Banda britânica vai apresentar o mais recente álbum. Klepht na primeira parte

Fátima Ribeiro



Hoje o dia de estreia dos britânicos The Charlatans em Portugal. O concerto vai ter lugar no palco da Aula Magna, em Lisboa. A banda vem apresentar o mais recente álbum, "You cross my path".

Os ingleses só entram em palco às 22 horas, mas o espectáculo começa uma hora antes, com a primeira parte a cargo da banda portuguesa Klepht, que, em breve, vai editar o primeiro disco de originais, pela Universal.

O novo trabalho dos Charlatans inclui o single "You cross my path", que tem sido um dos temas mais tocados nas rádios inglesas.

O disco a apresentar hoje na

ginais, tendo alcançado por três vezes o primeiro lugar do top de vendas em Inglaterra.

Os Charlatans nasceram no final da década de 80, ao lado de Stone Roses e Inspiral Carpets. O grupo foi criado por Tim Burgess (vocal), Martin Brunt (baixo), Jon Baker (guitarra), Jon Brookes (bateria) e Rob Collins (teclados). Conquistaram rapidamente a Inglaterra com o seu primeiro álbum, "Some friendly" (1990).

Klepht na primeira parte

Cabe aos portugueses Klepht animar o espectáculo antes da entrada dos britânicos. A banda é de Lisboa e conta com cinco elementos: Diogo (voz, guitarra e piano), Filipe (baixo), Marco (guitarra), Francisco (guitarra) e Mário (bateria). Inicialmente, eram só amigos. Até que, um dia se lembraram de "tocar umas coisas", para ver o que podia acontecer.

O resultado foram canções que se cantavam em "inglês, em português e, até, em javanês".

O disco, a editar em breve, intitula-se "Por uma noite". □

DIREITOS RESERVADOS



The Charlatans vêm a Portugal promover "You cross my path"

Aula Magna tem lançamento previsto para o primeiro trimestre deste ano e vai ser distribuído gratuitamente pela rádio XFM.

"You cross my path", poderá ser descarregado, gratuitamente, a partir do dia 3 de Março, através do site oficial da banda.

O primeiro single do álbum, justamente a faixa título, já foi disponibilizada no site e a canção "Oh Vanity" será a próxima, no próximo dia 25.

Com mais de 15 anos de carreira, os Charlatans estreiam-se em 1990, com o single "Indian rope", que editaram a custos próprias - o êxito do single atraiu o interesse de várias editoras, mas acabaram por assinar pela Beggars Banquet.

Considerada por alguns sectores da crítica uma das melhores bandas britânicas das duas últimas décadas, os Charlatans contam com nove álbuns de ori-

Último concerto

D'ZRT cantam na hora da despedida

■ Banda actua hoje, no Pavilhão Atlântico, em Lisboa, com vários convidados

Fátima Ribeiro

Chegou o dia do adeus. Formada na série juvenil "Morangos com Açúcar", a banda portuguesa D'ZRT, sobe, hoje, à noite, ao palco do Pavilhão Atlântico, em Lisboa, para o último concerto. Às 21 é a hora da despedida.

Os D'ZRT não resistiram a mais de três anos de carreira, mas para a história ficam os dois álbuns de originais, com mais de 260 mil discos vendidos, e 13 galardões de platina.

As aliciantes do concerto de hoje à noite são os convidados e um espectáculo retrospectivo da banda. Rita Guerra, Zé Pedro (Xutos & Pontapés), Paulo Gonzo, Pedro Khima, Zé Manel (Fingertips), Tucanas, os Corvos, Rita Viegas

NANO/ALCOPA



Carreira dos D'ZRT durou cerca de três anos

e as Just Girls, banda também formada em "Morangos com Açúcar", vão interpretar com a banda de "Para mim tanto me faz" temas nacionais e internacionais.

Paulo Vintém, Angélico Vieira, Vitor Fonseca e Edmundo Vieira, que já actuaram no Pavilhão do Porto e de Lisboa e no Festival Rock in Rio, em 2006, além de terem estado durante 50 semanas no top nacional,

põem fim à banda D'ZRT e iniciam quatro carreiras a solo.

Nos últimos três anos - a duração da carreira dos D'ZRT -, foram a banda portuguesa que mais discos vendeu.

Abril de 2005 registou o primeiro concerto do grupo, que faz hoje a sua última actuação, no Pavilhão Atlântico. A festa vai ficar registada e será editada em DVD, para mais tarde recordar. □

2.ª Edição

"CALE-se" com oito espectáculos de teatro

■ Festival arranca hoje, às 21.45 horas, com a peça "A cantora careca", de Ionesco

Fátima Ribeiro

Cale Estúdio Teatro, a comemorar o 22.º aniversário, volta a mandar calar. O Festival Nacional de Teatro "CALE-se" inicia, hoje, a sua segunda edição. Os espectáculos, de carácter competitivo, vão realizar-se todos os sábados, a partir das 21.45 horas, na Associação Recreativa de Camidelo, em Vila Nova de Gaia, até ao dia 15 de Março.

A dar início à festa vai estar a comédia "A cantora careca", a cargo do Aquilo Teatro, da Guarda. Com texto de Eugène Ionesco, considerado um dos autores mais expressivos do teatro do abstrudo do início do século XX, na Europa, a peça é marcada pelo

As categorias distinguidas serão: melhor interpretação feminina e masculina, melhor cenografia, melhor luminotecnia, melhor guarda-roupa, melhor sonoplastia, melhor encenação e melhor espectáculo.

O espectáculo que recolher o maior número de votos do público também tem direito a um prémio extra.

Outros espectáculos

No próximo sábado, sobe ao palco do Cale Estúdio Teatro a peça "As guitarras de Alcácer Quibir", da Acção Teatral Artimanha (ATA).

A representar Gaia vai estar, no dia 9 de Fevereiro, o grupo Teatro Amador de Pedroso (TAPE), com a "Verdadeira história de Andreia Belchior". No dia 8 de Março, entra em cena a conhecida história de "Romeu & Julieta", do Grupo de Teatro Contra Senso, Lisboa.

No dia de encerramento, além da peça "Umaviagem para lá do fim", da Companhia de Teatro Poucaterra, há o espectáculo de encerramento com a sessão de entrega dos prémios "CALE". □

DIREITOS RESERVADOS



"A cantora careca" sobe à cena pelo Aquilo Teatro, da Guarda

também com a presença da patrona, a actriz Adelaide João (que podemos ver na personagem "Deolinda" da série "Os Batanes", na TVI), que apadrinha a edição de 2008.

O "CALE-se" deste ano conta com oito grupos de teatro, de outros tantos distritos. E, para não fugir ao número, são oito os prémios a atribuir pelo júri do festival, os prémios "CALE".

surrealismo verbal. Ionesco problematiza o quotidiano e leva o espectador a questionar: o que é que se esconde por detrás das nossas conversas fúteis e vazias? Por que é que temos medo? De que é que temos medo? Quem nos quer cegos, surdos e mudos? Quem nos quer tirar a capacidade de ver as coisas como elas são?

O arranque do festival conta

Ao vivo

Casa da Música brinca ao Carnaval

■ Hoje é dia cheio na Casa da Música, no Porto. A sala Suggia recebe, ao meio dia e às 18 horas, um concerto de Carnaval, apresentado pela Orquestra Nacional do Porto. À noite, o palco da Sala 2 é ocupado por um concerto duplo de jazz, com Marta Hugon e Fieldwork.

Para marcar o espírito carnavalesco, a orquestra, sob direcção musical de Osvaldo Ferreira, vai levar aos presentes a banda sonora de "Harry Potter e a Câmara dos Segre-

dos". As restantes obras não fogem às lendas e feitiçarias.

O dia encerra às 21 horas, com mais um concerto inserido no ciclo de jazz. Marta Hugon é uma das vozes mais conhecidas do canto jazzístico em Portugal. A acompanhá-la, vai estar o quarteto Fieldwork, colectivo norte-americano formado por três compositores e instrumentistas: o pianista Vijay Iyer, o saxofonista Steve Lehman e o baterista Tyshawn Sorey. □

Orquestra Académica

Música alemã em Espinho

■ A Orquestra Académica Metropolitana, sob direcção de Jean Marc Burfin, entrega-se, hoje, às 18.30 horas, à música alemã oitocentista, no Auditório de Espinho.

No concerto, vão ser interpretadas obras dos três compositores mais influentes do romantismo musical: Carl Maria von Weber, Johannes Brahms e Robert Schumann.

A orquestra, que, ontem, actuou na Sala Elíptica do Convento de Mafra, abre o concerto de

hoje com a ópera "Oberon", de Weber, seguindo-se as "Variações Sobre um Tema", de Haydn, de Brahms e pela Sinfonia n.º 3 em Mi bemol maior, de Schumann.

Jean Marc Burfin e os alunos da Academia Nacional Superior de orquestra pisaram, em Outubro do ano passado, o palco do Théâtre Royal de la Monnaie, em Bruxelas.

O bilhete para assistir ao espectáculo de hoje no Auditório de Espinho custa cinco euros. □

Acto simbólico

Dar-se as mãos pela Arte

■ O grupo Unidos Pela Arte – UPA's vão, hoje, às 10 horas, dar-se as mãos por amor à Arte. Na comemoração do Dia de S. Valentim, o grupo sénior vai assinalar a data com um "abraço ao Museu Soares dos Reis", no Porto.

O cordão humano, em torno da fachada do museu, não é mais do que "um acto simbólico de afectividade ao museu e, sobretudo, à cultura", nas palavras da organizadora do projecto UPA, Amélia Paiva.

Mas o "romantismo" não fica

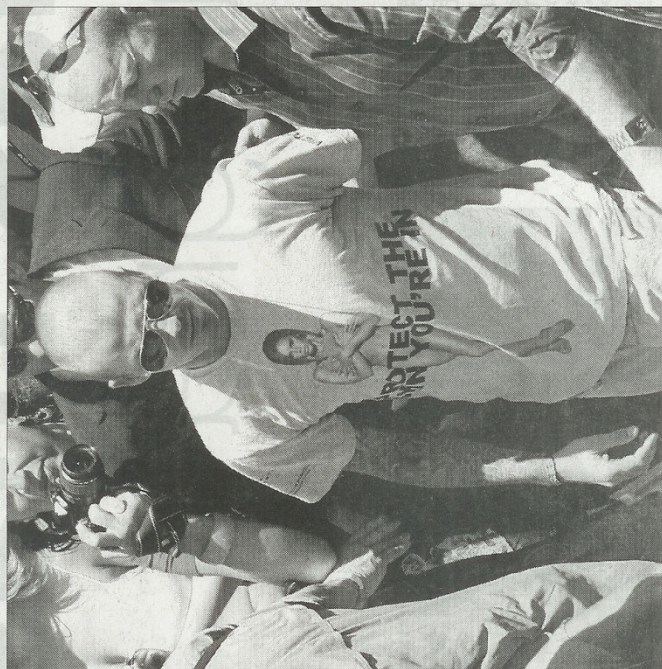
por aqui. Sem fugir à rotina das quintas-feiras de manhã, no Soares dos Reis, os UPA's vão, em seguida, fazer uma visita temática ao museu. Na colecção permanente e nas reservas, vão ser procuradas "obras relacionadas com o amor, o namoro e o casamento".

O grupo, de cerca de 50 reformados, uniu-se, na Primavera passada, por iniciativa de Amélia Paiva, professora de História da Arte. Desde então, unem-se todas as semanas, em nome da arte. **FR**

Beckham tatua imagem de Victoria

A Spice, numa pose à Brigitte Bardot, é a nova tatuagem do jogador. A próxima é o 100.º golo do médio

O futebolista David Beckham aproveitou a sua viagem ao Brasil, onde vai abrir um centro de treinos para jogadores profissionais e crianças, a "Beckham World of Sport", para mostrar a sua nova tatuagem. O médio do LA Galaxy, que estava a guardar o espaço do seu braço esquerdo para tatuar o nome da sua futura filha, acabou por decidir preencher o antebraço com uma imagem da mulher, Victoria Beckham, numa pose à Brigitte Bardot. A parte cima do braço, que continua vazia, o craque pretende preenchê-la com uma tatuagem celebratória do seu 100.º golo. Contudo, ainda não vai ser



no próximo jogo da selecção inglesa, já que o craque não foi convocado pelo treinador Fabio Capello. Esta foi a décima tatuagem do futebolista, que na sua colecção já conta com um enorme anjo tatuado nas costas, os nomes dos três filhos, Brooklyn, de oito anos, Romeo, de cinco, e Cruz, de dois anos, uma cruz com asas na nuca, um desenho no braço direito, anjos no antebraço direito, o nome de Victoria em hindu, no braço esquerdo, e um símbolo em hebraico por cima do nome da Posh Spice, feito em comemoração pelos seis anos de casamento do casal.

Etcetera

Solidariedade e simpatia do casal ajudaram na eleição. Em segundo lugar ficou o ex-casal Kate Moss e Doherty

Angelina Jolie e Brad Pitt não são apenas o casal mais bonito de Hollywood, mas também o mais influente do mundo do espetáculo, segundo a revista "Forbes". O casal surge no topo de uma lista de mais onze casais. As suas contribuições para causas humanitárias e a sua simpatia ajudaram na eleição. Em segundo lugar ficou o ex-casal Kate Moss e Pate Doherty, que se separaram em Setembro do ano passado. O terceiro lugar é ocupado pelo casal Nicole Kidman e Keith Urban, seguidos

de Demi Moore e Ashton Kutcher e Katie Holmes e Tom Cruise empatados na quarta posição. David e Victoria Beckham não ocupam um lugar de destaque na tabela, sendo relegados para a penúltima posição. Segundo a revista americana "National Enquirer", Jolie e Brad Pitt vão, finalmente, dar o nó. O casal de actores pretende oficializar a sua relação no próximo Outono, depois de Angelina dar à luz, da sua segunda gravidez, da qual se especula ser de gémeos.



Julia Roberts de férias com os filhos no Chile

Angelina e Brad eleitos o casal mais influente

Autobiografia

O cantor britânico George Michael vai escrever a história da sua vida. A autobiografia vai ser publicada em meados de 2009. O acordo foi feito por Belinda Budge, directora administrativa e "publisher" da Harper NonFiction UK, e pelo empresário do cantor, Andy Stephens.

A editora HarperCollins considera que este acordo vai ser dos maiores já fechados na indústria editorial da Grã-Bretanha. Segundo o comunicado da HarperCollins, unidade da News Corp, "é uma das histórias mais 'picantes' de uma celebridade".



O actor Johnny Depp doou um milhão de dólares ao hospital que salvou a vida da filha, Lily Rose, de 8 anos, em Março do ano passado. A estrela de Hollywood foi, pessoalmente, ao hospital pediátrico, de Great Ormond Street, em Londres, entregar o donativo. Lily foi contaminada pela bactéria E. coli, que lhe causou uma infecção nos rins, o que levou a que fosse hospitalizada. A acrescentar à soma avultada, o actor convidou os enfermeiros e médicos do estabelecimento de saúde a assistirem à festa de antestreia de "Sweeney Todd", o seu filme mais recente.

Etcetera

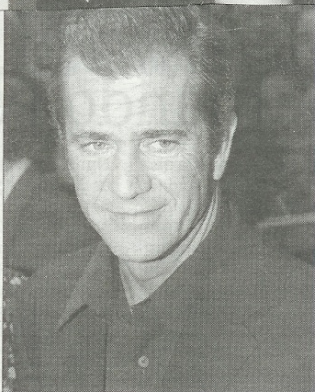
Joana Solnado tem novo amor

Jovem actriz mantém relação discreta com o realizador brasileiro André Cerqueira, 14 anos mais velho do que ela

A actriz portuguesa Joana Solnado está novamente apaixonada. O dono do seu coração é o realizador brasileiro André Cerqueira, 14 anos mais velho que ela. A ex-namorada de Diogo Amaral, o "príncipe" de "Floribella", faz jus ao velho ditado que "o amor não escolhe idade". A paixão anda no ar, embora nenhum dos dois tenha assumido publicamente a relação. Recorde-se que a actriz é neta do conhecido actor Raúl Solnado e conta com um currículo invejável aos 23 anos. Além de ter integrado o elenco de várias novelas portuguesas de grande audiência, como "Morangos com Açúcar", "O Último Beijo" ou "Tempo de Viver", a actriz também participou em "Como uma Onda", novela brasileira, produzida pela Rede Globo, onde contracenou com outro conhecido actor português, Ricardo Pereira. No teatro participou em projectos como "Olha quem está aí" e "Confissões de Adolescentes". No momento, Joana Solnado é um dos rostos da novela da TVI "Iha dos Amores", que se encontra na recta final, no papel da "doce" Mariana.

Juntos na música

A actriz Scarlett Johansson vai contar com a ajuda do cantor de rock David Bowie no seu álbum de estreia como cantora. Bowie vai interpretar duas músicas do primeiro álbum da actriz, intitulado "Anywhere I Lay My Head", a ser lançado no próximo dia 10 de Maio. O cantor, que conheceu Scarlett numa festa, vai cantar os temas "Falling Down" e "Fannin Street".



Primeiras fotos

A recente mamã Christina Aguilera vai dar a conhecer ao Mundo o seu rebento. As primeiras fotos do bebé da cantora norte-americana foram publicadas, ontem, em exclusivo, pela revista "People". O bebé, Max, nasceu no passado dia 12 de Janeiro, em Los Angeles, e é o primeiro filho de Aguilera, de 27 anos, e do seu marido, Jordan Bratman, de 30. No decorrer da entrevista concedida à revista "People", a cantora disse de forma temerenta: "O Max mudou completamente a minha vida!"

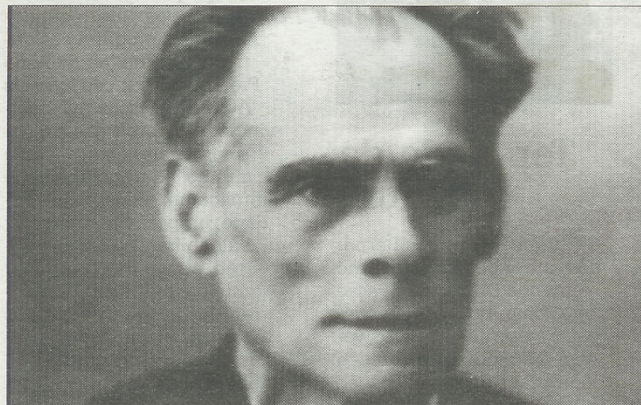


Bom comportamento

Mel Gibson recebeu elogios pelo bom comportamento. Anteontem, na última audiência do actor no processo referente à detenção, em Julho do ano passado, por conduzir alcoolizado, Mel Gibson foi muito elogiado pelo juiz, pelo seu comportamento exemplar na reabilitação. Mel Gibson, apesar de ainda ter de cumprir 18 meses de programa de reabilitação, "está a caminhar com êxito", referiu o juiz. Recorde-se que o actor teve como penalização, por conduzir alcoolizado, frequentar um programa de reabilitação de três anos e assistir a reuniões dos Alcoólicos Anónimos, além de pagar multa.

Evocação

ARQUIVO JN



Teixeira de Pascoaes é uma "obsessão" de João Trábulo

Filmar 'As sombras' poéticas de Teixeira de Pascoaes

■ Filme de João Trábulo sobre o autor é apresentado, hoje, em Serralves, no Porto

Fátima Ribeiro

Uma história de "obsessão pessoal" a preto e branco. Do realizador João Trábulo, "Sombras – um filme sonâmbulo", sobre a obra do poeta Teixeira de Pascoaes, vai ser exibido, hoje, às 19 horas, na Fundação de Serralves, no Porto.

"Andei anos e anos a estudar a vida e obra de Pascoaes. Foi essa a minha obsessão", referiu o realizador. Um filme rico em imagens estáticas e sequenciais explicadas por Trábulo. "Grande parte das imagens é da natureza. As paisagens estavam sempre presentes na sua fantasia e no imaginário do poeta."

A mais recente ficção do realizador conta a história de um homem silencioso, Teixeira de Pascoaes, que habita num velho casarão com a sua empregada e o seu mordomo. Um dia, após acordar de um longo sono, percorre, de carro, diversas estradas e caminhos. Nessa viagem, é acochado por vultos e fantasmas e a sua

própria sombra leva-o a imaginar personagens e espectros que vivem presos aos seus actos e palavras.

"Sombras" foi a maneira que João Trábulo encontrou para mostrar a obra "da grande figura do século XX. 'Não há na nossa literatura escritor maior, mais perturbado e incandescente'. Contudo, lamenta que a poesia do escritor, "autor sagrado" como o apelida, esteja "bastante escondida". "Se os seus poemas estivessem escritos em inglês ou em francês, seriam muito mais lidos".

Durante os vários meses de rotação do filme, as horas vagas foram aproveitadas para ler as obras de Teixeira de Pascoaes. "Os filmes não se fazem sozinho. Havia pessoas na equipa que nunca tinham lido nada do escritor e esta foi uma forma de eles entrarem no seu pensamento", referiu.

"Sombras – um filme sonâmbulo", de 2006, foi seleccionado, no ano passado, para a secção competitiva nacional da 4.ª edição do Festival Internacional de Cinema IndieLisboa. □



Mike Scott (à direita) vai tocar para um pavilhão com lotação esgotada

The Waterboys regressam para tocar em Gaia

- Banda escocesa actua hoje, no Pavilhão Municipal
- Mike Scott promete novo disco para 2009

Fátima Ribeiro

Os Waterboys regressam a Portugal para um concerto único, hoje, às 22 horas, no Pavilhão Municipal de Gaia. Voltam após a presença num concerto de solidariedade, em 2006, que sucedeu a algumas outras. Agora, a banda vem apresentar o mais recente trabalho "Book of lightning", um álbum "com maturidade e que já estava pensado há muito tempo", nas palavras do vocalista e líder do grupo, Mike Scott, ao JN.

Para o músico escocês, é um prazer voltar a Portugal, não só pelo país, mas também pelo público: "É uma assistência excepcional e apaixonante, vibra muito com o espectáculo". Por outro lado, o mentor dos Waterboys afirma esperar para o concerto de logo, sobretudo, "um público de meia-idade".

O mais recente trabalho do grupo foi lançado em Abril do ano passado e é um álbum de originais, que mistura o rock tradicional com a sonoridade folk anglo-saxónica.

Participação canadiana

Produzido por Mike Scott e por Philip Tennant – que já tinha trabalhado com a banda no disco

Mike Scott, líder dos Waterboys, disse, ao JN, que, para o concerto de hoje, conta com um público, sobretudo, de meia-idade

"Fisherman's blues", de 1988 –, "Book of lightning" teve como estúdio de gravação um espaço na capital inglesa, Londres, no Outono de 2006.

O álbum, com inspiração nos êxitos dos registos "This is the sea" e no já referido "Fisherman's blues" – que Mike Scott recorda como dois dos momentos marcantes da carreira, de 25 anos, dos Waterboys –, conta com dez temas inéditos.

"Crash of angels wings" é o single de apresentação do álbum, a que se juntam, entre mais seis canções, "It's gonna rain", "You in the sky" e "Man with the wind at his heels".

Alusões religiosas e à natureza recheiam as letras do disco.

Uma das novidades deste trabalho é o tema "Sustain", que conta com uma participação especial. A música foi gravada com a banda canadiana Great Aunt Ida, em Vancouver.

Aliás, juntamente com "She tried to hold me", é, da dezena de temas em "Book of lightning", o mais apreciado por Mike Scott.

Quase um ano depois do lançamento do mais recente álbum dos Waterboys, o balanço é positivo. "As pessoas gostam. O disco tem tido uma boa aceitação", refere o vocalista.

Além do mentor da banda de "The whole of the moon", actualmente, fazem parte da formação dos Waterboys os músicos Steve Wickham (violino), Richard Naiff (teclas), Damon Wilson (baterista) e Mark Smith (baixo).

Com uma discografia de quase duas dezenas de álbuns – entre os quais se contam o homónimo, "A pagan place", "Room to roam", "Dream harder", "A rock in the weary land", "Universal hall" e "Karma to burn", por exemplo –, os Waterboys não se ficam pelas bodas de prata. "Um novo disco está previsto para o próximo ano", promete Mike Scott. □

Clássica

Maestro finlandês no "Focus nórdico" da Casa da Música

■ John Störgards vai dirigir, amanhã, às 18 horas, a Orquestra Nacional do Porto



Störgards assume, no Outono, o comando da Orquestra de Helsínquia

Fátima Ribeiro

O maestro finlandês John Störgards vai, amanhã, ao entardecer, comandar a Orquestra Nacional do Porto. Depois de já ter estado na capital portuguesa, num concerto com um grupo musical da Finlândia, está, agora, de visita à Casa da Música, no Porto.

"Não sei nada, em particular, sobre os trabalhos da Orquestra Nacional do Porto, mas já ouvi de outros músicos que é uma boa formação musical. O que sei é que está a evoluir e a ousar, ao apostar num conjunto de espectáculos que não é muito conhecido em Portugal", confessou o, também, violinista.

Depois de Espanha, em 2007 – ano primário da iniciativa –, a Casa da Música dedica aos cinco países nórdicos (Finlândia, Suécia, Noruega, Islândia e Dinamarca) uma parte especial da programação deste ano. O concerto de hoje, na Sala Suggia, às 18 horas, está inserido no intitulado "Focus Nórdico".

O maestro, que toca violino desde os cinco anos, vai estar encarregado da direcção musical de obras de três compositores contemporâneos, o que não é, de modo nenhum, uma estreia. "Já interpretei peças deles por várias vezes. Quase que consigo fazer de ouvido as peças de Lindberg e Hallgrímsson e é muito bom trazê-los a Portugal. Sem esquecer Nielsen, que foi um marco na história da música e da tradição finlandesa".

O concerto vai começar com "Uma viagem imaginária às ilhas Feroé", do dinamarquês Nielsen. Do compositor Lindberg, vai ser interpretada "Aura" e o concerto para violoncelo e orquestra - op. 30, de Hallgrímsson, vai estar a cargo do premiado violoncelista norueguês Truls Mørk.

Já com dez anos de direcção musical orquestral, ainda tem muitas ambições: "Como maestro, ainda há muitas peças para in-

terpretar, de todas as épocas e compositores". E "há muitas músicas interessantes, compostas em diferentes períodos históricos, nos países nórdicos".

Pela primeira vez na cidade norte-nordeste e ansioso por conhecer a casa que o vai receber, o maestro continua a dividir o tempo "entre o violino e a condução musical".

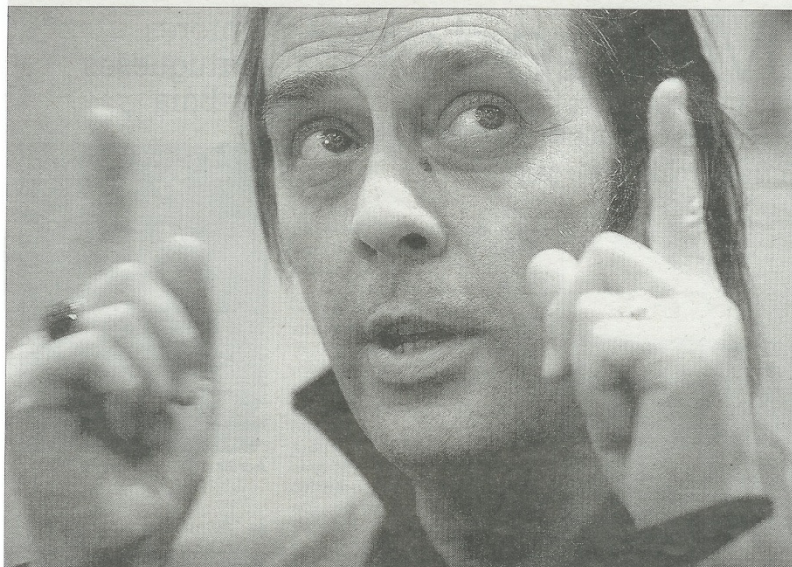
De momento, Störgards é maestro principal da Orquestra Filarmónica de Tampere, até 2009, e director artístico da Orquestra da Lapónia. E, como diz a máxima "não há duas sem três", a partir do Outono deste ano, vai ser o condutor principal da Orquestra Filarmónica de Helsínquia. Convide que recebeu com grande apreço: "É muito gratificante ser o 12º maestro desta orquestra. É um trabalho muito importante para mim, uma vez que a Filarmónica de Helsínquia ocupa uma parte central da música nórdica no Mundo. É uma honra e um desafio", disse, ao JN.

"Um ano de loucura" avizinha-se para o maestro, consciente de que "não vai ser fácil arranjar tempo para concertos fora da Finlândia". Até lá, já tem uma agenda preenchida. Alemanha é o próximo país a receber o maestro finlandês. □

“Quase que consigo fazer de ouvido as peças de Lindberg e Hallgrímsson e é muito bom trazê-los a Portugal”, referiu o maestro

Regresso

LEONEL DE CASTRO



Peter Murphy prometeu cantar repertório antigo dos Bauhaus, assim como temas do álbum "Unshattered"

“Não estou preso a regras, gosto de experimentar”

■ Peter Murphy actua, amanhã, em Gaia para casa cheia ■ Cinco mil pessoas vão ouvir tema inédito dos Bauhaus, a ser lançado no próximo ano

Marta Neves e
Fátima Ribeiro

Interrompeu um chá, “por já não estar habituado a conferências de imprensa”, para falar, na tarde de ontem, aos jornalistas. Mas, nas palavras de Jorge Silva, responsável pela produtora PortoEventos, Peter Murphy — que actua amanhã, às 22 horas, no pavilhão municipal de Vila Nova de Gaia para uma plateia lotada de cinco mil pessoas — estava “muito bem disposto”. “Está mesmo eufórico com a ideia de actuar perante uma casa cheia”, acrescentou.

Discreto, o eterno líder dos Bauhaus ficou espantado com a quantidade de flashes à sua volta. “Mais pareço o presidente dos EUA numa conferência de imprensa sobre a Palestina”.

Depois de um “olá/hello” geral, e de ter tirado os óculos de sol, Murphy esmiuçou alguns detalhes do espectáculo de amanhã: “Na minha carreira a solo, nunca havia cantado temas dos Bauhaus. Mas, neste, sem querer com isso oferecer um concerto retrospectivo, vou interpretar algum repertório histórico da banda”. E explicou: “No fundo, o público que me vai ver é aquele que também é fã dos Bauhaus”.

Consciente da importância que o movimento gótico teve nas décadas de 70 e 80, Murphy lembrou as antigas exibições, “muito teatrais”. “Os anos 80 foi um período muito rico, com músicas muito fortes”. Ainda assim, afirmou: “Não estou preso a regras, gosto de experimentar”.

Por isso mesmo, é certo que o concerto em Gaia também servi-

rará para tocar alguns temas de “Unshattered”, mais recente álbum a solo, lançado em 2005.

O músico prometeu ainda apresentar “uma única canção” do próximo trabalho dos Bauhaus, que será lançado no próximo ano, confessando que 2008 conhecerá também um trabalho seu a solo. “Um disco difícil, pesado, mas dando espaço à voz”, definiu o cantor. Para o “show” de amanhã, o artista prometeu ser “terrível”, deixando o recado: “Vou dar o meu melhor, mas o espectáculo é de todos”.

Jorge Silva, da PortoEventos, aproveitou a ocasião para anunciar que o Festival Marés Vivas, vai decorrer de 17 a 19 de Julho, na praia do Areinho, em Oliveira do Douro, Gaia.

ler entrevista amanhã na Viva+



Fantasporto 2008 vai dedicar retrospectivas ao cinema dinamarquês e ao realizador Fernando Lopes

“Fantas” aposta no cinema nacional

■ Cerca de um quarto dos filmes é português. Max Von Sydow homenageado

■ Fátima Ribeiro

Este ano, vamos bater o recorde na exibição de filmes portugueses. São cerca de 85, entre curtas e longas-metragens”, referiu Mário Dorminsky, um dos responsáveis do Festival Internacional de Cinema do Porto – Fantasporto, ontem, na apresentação do programa da edição deste ano. A personalidade homenageada com o Prémio Carreira é o actor Max Von Sydow, que, aliás, é uma das presenças já confirmadas no festival. A conferência ficou marcada, também, pelas críticas de Dorminsky em relação aos apoios estatais.

O cinema português sempre foi uma realidade no festival. Este ano, a par de algumas antecessoras, vai ser homenageado o realizador nacional Fernando Lopes. Segundo Beatriz Pacheco Pereira, organizadora do evento, vão ser apresentados filmes de Fernando Lopes que “nunca tiveram oportunidade de serem vistos no cinema”.

Por seu lado, Mário Dorminsky mostrou o descontentamento em relação às verbas do financiamento público. “É ridículo andar todos os anos de mão estendida a pedir para o festival. As verbas que recebemos do Estado são as mesmas desde a primeira edição do Fantasporto”.

Para solucionar o problema financeiro, o responsável só vê uma solução: “Criar a fundação do Fantasporto. Este Fantasporto continua a ser feito com gozo e prazer, mas era ótimo ficarmos apenas com o lado artístico do festival.”

Uma das novidades deste ano é a procura de outros públicos. “Os miúdos que ouviam falar do Fantasporto e não podiam ir porque os

filmes eram para maiores de 18 anos podem, agora, participar. Nas manhãs do festival, vamos trabalhar com as escolas”, realçou o director.

A par desta novidade, acrescentou a abertura do Fantasporto aos estudantes de cinema, que podem, agora, dar outra visibilidade aos seus trabalhos escolares. “Encontram-se pequenas pérolas em trabalhos de curso”.

A 28ª edição do Fantasporto, a realizar de 25 de Fevereiro a 9 de Março, conta com um total de 359 filmes, oriundos de 38 países, dos quais 21 são europeus.

A cinematografia homenageada este ano é a dinamarquesa, sendo que o Fantasporto desenvolver-se-á em 527 sessões.

O filme escolhido para o dia de abertura foi “No Country for Old Men”, dos irmãos Coen.

O festival decorre nas duas salas do Rivoli - Teatro Municipal, no Teatro Sá da Bandeira e em dez salas da Lusomundo espalhadas pelo Norte do país. O orçamento do Fantasporto 2008 está estimado num total de 3 470 000 euros. □

Em cena

Teatro de Ferro aposta em peça sem palavras

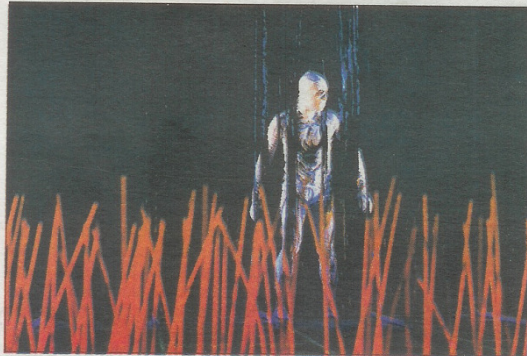
■ "Quase solo" estreou ontem e vai estar em palco, em Gaia, até depois de amanhã

Fátima Ribeiro

Depois da peça "Sexta-feira", o Teatro de Ferro regressa aos palcos com "Quase solo". A companhia estreou, ontem, no Auditório Municipal de Gaia, a sua mais recente produção. Com encenação de Igor Gandra, a peça pode ser vista, no mesmo espaço, até depois de amanhã.

"Quase solo" teve como ponto de partida, segundo o encenador e também intérprete da peça, a fantasia de criança no final da Guerra Fria, do último homem na Terra. Nas suas palavras, a peça situa-se algures "entre o Poltergeist e o Zeitgeist".

O espectáculo, de 50 minutos, põe em cena a marioneta, o ob-



PEDRO CORREIA

Igor Gandra, o encenador da peça, é também um dos intérpretes

jecto e o actor – mantendo a lógica marionetística que caracteriza o trabalho desta companhia. A ausência total da palavra é contraposta pelo movimento do actor em cena. "Construir um trabalho sem texto acaba por ser mais difícil, porque partimos do nada.

Pode ser tão interessante um diálogo entre duas pessoas, como o cruzamento de duas li-

nhas no espaço", explicou Igor Gandra.

O nome da peça não é inocente. "Quase solo" é uma "noção de quase chão", que para o encenador é uma "boa noção do que é um palco".

O "Quase" significa proximidade na distância, (definição que Igor Gandra fez questão de procurar no dicionário), e este trabalho "é muito à volta disso. É o

espaço entre uma coisa e outra, entre uma pessoa e outra. Dá a noção de concretização."

"É um trabalho colectivo"

"Solo" é definido pelo encenador como o "actuar sozinho em palco". Embora o trabalho não seja de "modo nenhum um solo". Pelo contrário, "é resultado de um trabalho colectivo", acrescentou.

O espectáculo "percepciona a forma como os outros se refletem em nós e nós neles", remata o encenador.

A interpretação, além de Igor Gandra, fica a cargo dos actores Carla Veloso, Virgínia Moreira e Gil Rovisco.

A peça vai ter apenas quatro apresentações no Auditório Municipal de Gaia, mas em finais de Fevereiro pode ser vista na sala da campanha, "onde vai estar mais tempo".

As representações de hoje e amanhã serão, igualmente, às 21.30 horas. No domingo, último dia, a peça entra em cena às 16 horas. Um bilhete para assistir a "Quase solo", em cena no Auditório Municipal de Gaia, fica por 8 euros. □

Inovação tecnológica

“Se vier, agora, um cego ao museu, ele vê o que nós vemos”

■ Museu do Papel Moeda, no Porto, apresenta, hoje, projecto pioneiro em Portugal ■ Sistema permite a pessoas com necessidades especiais conhecer e aceder a todos os conteúdos do espaço, através do recurso às novas tecnologias

Fátima Ribeiro
J. Paulo Coutinho

Se vier, agora, um cego ao museu, ele vê o que nós vemos”. Foi desta maneira sim- ples que Maria Amélia Miranda, presidente da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, no Porto, deu a conhecer o projecto “Museu sem Barreiras”, pioneiro em Portugal, a ser apresentado, hoje, às 15 horas, no Museu do Papel Moeda, tutelado pela fundação.

“Os museus têm um papel social e educacional muito forte, já não são sítios fechados. Daí a nossa preocupação em integrar as pessoas com necessidades especiais – cegos, amblíopes e com deficiência motora, nomeadamente pessoas com paralisia cerebral”, referiu.

O projecto de acessibilidades resulta de dois anos de trabalho e “dedicação”. Para a sua criação, a fundação contou com a parceria da Fundação Portugal Telecom e com o apoio da Universidade de Letras do Porto, nomeadamente, através do trabalho de pós-graduação

de Sónia Santos. Mesmo assim, foram muitas as dificuldades sentidas. “É um mundo diferente do nosso, por isso, foi complicado entrar nele. Não se fala para um idoso da mesma maneira que se fala para uma criança. Da mesma maneira que não se fala para um cego como se fala para um amblíope”.

Até o empregado

“Saber escrever para todos” foi uma das várias formações que o Serviço de Educação do Museu sentiu necessidade de desenvolver para a criação dos dossiers de cada tipo de deficiência. A par disto, o museu também proporcionou aos seus profissionais acções de formação na Associação dos Cegos de Portugal e na Portugal Telecom.

Este plano, que pretende eliminar barreiras, envolveu o trabalho de todos. “Até o empregado do restaurante teve que ter formação para saber como acolher pessoas com necessidades especiais”, Amélia Miranda dá o exemplo do dossier para amblíopes: “A letra é verdana, de tamanho 24 e com ausência de cor,

porque a cor introduz perturbações em quem vê mal”.

Até agora, as visitas foram apenas para testar as novas acessibilidades. “Foi tão gratificante ver o espanto e a alegria destas pessoas durante o trabalho de preparação. Até tivemos um cego a ensinar um amblíope a ver”, lembrou, emocionada, a presidente da fundação. O factor de diferenciação relativamente a outros museus é assumido por Amélia Miranda, que, no entanto, dá privilégio ao factor social: “É um motivo de diferenciação, mas não vou por aí. É, acima de tudo, uma melhoria na qualidade de vida das pessoas com necessidades especiais”.

Além do dossier específico para cada tipo de deficiência, o museu vai estar dotado com um guia em braille para os invisuais e amblíopes e outro para os acompanhantes. “A informação estará disponibilizada em braille e em suporte digital”. E, como não há invisuais só em Portugal, o guia estará também disponibilizado na língua inglesa.

Na elaboração dos dossiers, o destinado aos cegos foi, para a presidente, o mais complicado de realizar. “Eles fizeram-nos reparar em coisas que, até então, não tínhamos reparado, o que, apesar de trabalhoso, foi bastante gratificante”.

Nas palavras de Amélia Miranda, o trabalho das acessibilidades ainda não está concluído. “Ainda há muito a fazer. Isto é apenas uma agenda de intervenção, um início com continuidade”. O próximo passo do museu é a “remodelação total do site, com uma linguagem para todos os públicos. Assim, qualquer pessoa pode aceder ao site”.

O museu contabiliza 23.107 visitantes desde a abertura, em 1996. É a presidente da fundação acredita que este projecto vai trazer ainda mais visitantes do que habitual. “Vamos ter mais vis- itual.”

“O próximo passo é a remodelação total do site, com uma linguagem para todos os públicos”.

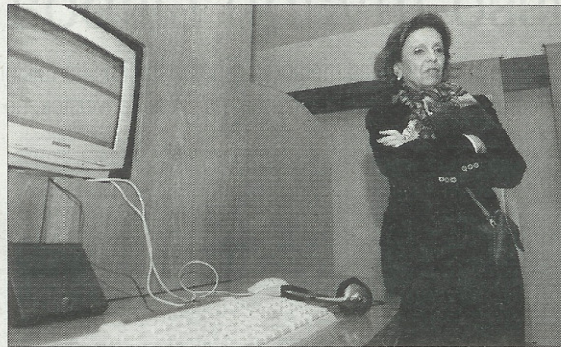
tantes, principalmente, pessoas com necessidades especiais, pois isto é feito para elas. E nós somos o único espaço cultural com este tipo de oferta”.

O museu “teve sempre como objectivo chegar a todo o tipo de públicos” e o projecto “Museu sem Barreiras” foi “mais um passo nessa direcção”. Agora, pessoas com capacidades limitadas podem conhecer o museu de uma forma autónoma.

O Museu do Papel Moeda revela a história do dinheiro e do papel fiduciário em Portugal e reúne um espólio notável, que abrange várias colecções, de que são exemplo as notas do Banco de Portugal. A acrescentar a isto, foi um dos nove museus escolhidos pelo Alto Comissariado da Emigração para a elaboração, no próximo ano, de um projecto sobre o diálogo intercultural. □

Inovações incluem réplicas das notas em braille

■ A integração das pessoas com necessidades especiais é feita, sobretudo, com recurso às novas tecnologias. É através de um computador com um software específico que cegos, amblíopes e pessoas com paralisia cerebral podem visitar o museu. O hardware e software foram cedidos pela Portugal Telecom, para que todos possam conhecer a história do dinheiro em Portugal. A juntar ao suporte digital áudio e texto, os invisíveis contam com uma visita tátil, já que há réplicas das notas do museu em braille. O suporte áudio de cada software dá a conhecer às pessoas com necessidades especiais os vários links a que podem aceder. Após um clique, é-lhes contada a história escolhida. No



Maria Amélia Miranda é a principal responsável pelo museu

caso das pessoas com paralisia cerebral, o computador está apetrechado com aparelhos especiais, por exemplo, o rato é accionado através de um toque com a cabeça. Cada deficiência

tem um software específico. Para os cegos, é o "Jaws"; para os amblíopes, o "Magic", e o software para as pessoas com deficiência motora é o "Grid".

FR

Inauguração

António Cruz no "Soares dos Reis"

■ "A pintura de António Cruz tem um lado de mistério e outro de esclarecimento. E é isso que nós procuramos na arte", referiu a ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, ontem, na inauguração da exposição do pintor e escultor, no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto. A mostra, que assinala o centenário do pintor, que faleceu em 1993, conta com cerca de 200 peças do aquarelista, cedidas por colecionadores e familiares e pode ser visitada até ao dia 31 de Janeiro do próximo ano.

A exposição em homenagem a António Cruz resulta da iniciativa da Cooperativa Árvore, em parceria com o museu, com o Ministério da Cultura e com o Casino da Póvoa, e pode ser considerada uma mostra retrospectiva, uma vez que estão expostos os seus trabalhos de maior importância, desde desenhos a carvão, aquarelas e esculturas.

Para Amândio Seca, director da Cooperativa Árvore, António Cruz foi o "pintor que melhor soube entender a cidade do Porto". Recorde-se que António Cruz, elegeu o Porto, cidade onde nasceu, como tema principal dos seus desenhos e pinturas.

"Esta exposição é uma honra, uma benção. Fico contente por ver tanta gente a prestar homenagem ao meu pai", comentou Rosarinho Cruz, uma dos cinco descendentes do pintor. E confes-

sou que não há nenhuma obra de eleição. "Gosto de todas".

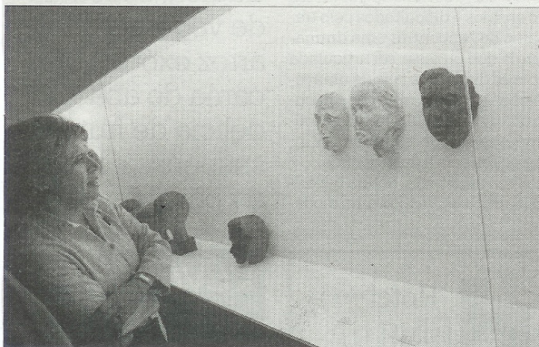
Quem também não poupou elogios ao pintor, que se notabilizou na aquarela, foi o advogado Miguel Veiga. "Não sei se sei falar da pintura de António Cruz. Só sei que gosto e gosto demais e quem não gosta demais não gosta bastante. O que mais me atrai é a sua relação com a cidade do Porto e o seu mistério oculto".

Nas palavras do advogado, o pintor "sempre sobreviveu desenhado de vanguardas e capelinhas".

Ficou em aberto a possibilidade de a exposição "viajar" até Lisboa, mas o director da Cooperativa Árvore lembrou três dificuldades. "Arranjar espaço para uma exposição desta dimensão, um novo empréstimo dos colecionadores e o financiamento". A ministra prometeu tentar ajudar. "O Ministério da Cultura está disponível para estudar essa hipótese" □

"António Cruz foi o pintor que melhor soube entender a cidade do Porto", referiu o director da Árvore

PEDRO CORREIA



Isabel Pires de Lima marcou presença na inauguração da mostra

"DoFado" puro ao encontro da sonoridade do jazz

■ Encomenda da Casa da Música a Paulo de Carvalho com estreia absoluta hoje, no Porto

Fátima Ribeiro

Uma noite, um espectáculo e duas estreias. Paulo de Carvalho apresenta-se, hoje, e pela primeira vez, na Casa da Música, no Porto, com o também inédito, "DoFado". Um trabalho encomendado que o músico prefere chamar de "convite".

O espectáculo sobe ao palco da Sala Suggia às 22 horas e parte do fado puro para uma sonoridade mais jazzística. "O fado deve ser misturado. Os espectáculos não devem ser tão lineares. "DoFado" é uma mistura de vários géneros musicais", explicou o compositor.

Paulo de Carvalho não quer "ensinar nada a ninguém", mas mostrar a sua visão particular da "canção portuguesa" – que foi essa a encomenda da Casa da Música. "Não quero que o fado fique preso num espectáculo, em que se canta de olhos fechados". O compositor teve total liberdade na escolha dos acompanhantes em palco, bem como na decisão do nome do espectáculo.

"DoFado", nas palavras do músico, não é inocente, é "uma provocação". "O espectáculo parte do fado, mas vai ao encontro de outras sonoridades". E corrigiu: "Só falta acrescentar uma coisa ao nome: três pontos". "DoFado..." seria a escolha mais correcta para Paulo de Carvalho, em que as reticências significariam as outras musicalidades.

A comemorar 46 anos de carreira, o intérprete, que marcou o imaginário musical português com "E depois do adeus", assume responsabilidades pela "ousadia" de "DoFado": "A ideia é minha, a culpa é minha. Mas acho que as pessoas vão gostar e ficar surpreendidas".

O espectáculo nasceu de um convite da Casa da Música e Paulo de Carvalho confessou o apreço. "Fiquei agradavelmente surpreendido, apesar de não saber

de onde partiu a ideia, se do próprio Pedro Burmester ou de alguém da Administração. Fiquei muito satisfeito e não sendo eu um cantor de fados já compus muitos".

"Um provável fadista", como se considerou, que já não fazia um disco de fados há "sete anos". "Não fazia um disco com fados meus há muito tempo e neste espectáculo decidi misturar musicalidades, respeitando a sua essência."

Habitado a fazer mudanças no tipo de música que faz, Paulo de Carvalho está confiante para o espectáculo de hoje à noite: "Quando fiz o meu primeiro disco de fado, levei muita pancada e, contudo, foi o mais vendido. "Em "DoFado", vou mostrar quem sou".

Para o público que o for ver, o intérprete faz um "pedido": "Venham com capacidade de se surpreenderem" □

Convidados

Beatriz da Conceição

Fadista nascida no Porto, em 1939. É das mais carismáticas intérpretes da sua geração.

André Sarbib

Um dos mais prestigiados músicos da cena jazzística portuguesa.

Cantares do Minho

Grupo de mulheres de cantares do Minho. Conjunto amador de nove professoras.

António Serrano

Músico uruguaio com quem Paulo de Carvalho já gravou dois temas.

AGIR

Músico de uma nova geração ligado ao rap. AGIR é o nome de "guerra".

Transversalidade

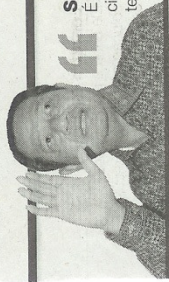
JOSE MOTA



Paulo de Carvalho actua, hoje, pela primeira vez, na Casa da Música

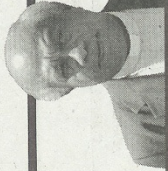
JORNAL DE NOTÍCIAS
Terça-feira, 12 de Fevereiro de 2008

Primeiro plano



Susilo Yudhoyono

É um ataque terrível e institucional contra a democracia e uma tentativa de perturbar o Governo”.



D. Basílio do Nascimento

“Não me parece que o país entre numa onda de violência, mas em Timor-Leste tudo é imprevisível”.

Reinado morre na sua emboscada

Major rebelde deu inúmeras entrevistas e afirmou ser o “pesadelo de Xanana e de Ramos-Horta”

por duas vezes Ramos-Horta – foi, juntamente com Gasílio Salsigha – que chefiou um ataque à caravana automóvel do primeiro-ministro Xanana Gusmão – um dos líderes da revolta dos militares, em Pátua, hi, nos dias 23 e 24 de Maio de 2006.

Nestes dias, o grupo de Alfredo Reinado emboscou e atacou, sucessivamente, duas viaturas das Falintil-Forças de Defesa de Timor-Leste (F-FDTL), e uma da Polícia Nacional (PNTL).

Responsável pela grave crise política e social do seu país, o militar rebelde foi preso a 25 de Julho de 2006, em Díli, acusado de ho-



Major foi abatido pelas forças de segurança de Ramos-Horta

micídio, rebelião e posse ilegal de armamento. Mas, no mês seguinte, em circunstâncias ainda não esclarecidas, conseguiu escapar da prisão de Becora. O líder rebelde, após ter escapado ao ataque de Same, deu inúmeras entrevistas afirmando que ele e o seu grupo se tinham tornado no “pesadelo de Xanana e de Ramos-Horta e dos outros políticos medrosos”.

Recentemente, o primeiro-ministro timorense afirmou, em entrevista à Lusa, que o major fugitivo não era uma “ameaça real à estabilidade” de Timor-Leste.

Fátima Ribeiro



Kevin Rudd

Os ataques foram uma tentativa coordenada de assassinar toda a liderança timorense”.



Jaime Gama

Espero que a situação seja devidamente controlada e que as instituições regressem à normalidade”.

Anexo 9

Discurso directo

Concorda que ao cometer três infracções graves o condutor fique sem carta?



É uma questão de segurança



Pinto Monteiro
Engenheiro

Concordo. Como condutor, acho que é uma questão de segurança. Se depois da primeira infracção grave, o condutor não tem civismo e comete mais duas, deve ser penalizado”.



É uma maneira de controlar



João Manuel
Técnico de gestão

Sou condutor, mas penso que sim. Vê-se tanta coisa que é melhor prevenir. Qualquer pessoa, hoje em dia, passa um vermelho. É uma maneira de controlar”.



Não concordo nada



Niza Oliveira
Estudante

Acho que não. Tenho a carta há pouco tempo e se cometer alguma infracção grave, nos próximos três anos, posso ficar sem carta. E, por isso, não concordo nada”.



Qualquer descuido é falta grave



Flávio Carvalho
Taxista

Não. Como motorista de profissão, não concordo. Hoje em dia, consideram qualquer descuido uma falta grave. Acho muito mal”.